

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

CHARRIDY MAX FONTES PINTO

A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (*plain verbs*): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em LIBRAS

Maceió – AL

2017

Charridy Max Fontes Pinto

A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (*plain verbs*): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em LIBRAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Telma Moreira Vianna Magalhães

Maceió - AL

2017

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

P659i Pinto, Charridy Max Fontes.

A interpretação da sentença com verbos simples (*plain verbs*): a ambigüidade em construções com os verbos abraçar e conversar em L / Charridy Max Fontes Pinto. – 2018.

86 f. : il.

Orientadora: Telma Viana Magalhães.

Dissertação (mestrado em Letras e e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2017.

Bibliografia: f. 81-86.

1. Língua de sinais. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Sintaxe. 4. Verbos. I. Título.

CDU: 800.952:801.25

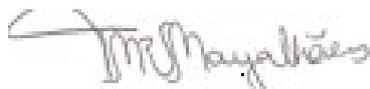
CHARRIDY MAX FONTES PINTO

A Interpretação da Sentença com Verbos Simples (*plain verbs*): a ambiguidade em construções com os verbos abraçar e conversar em LIBRAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística para a obtenção do grau de Mestre em Linguística - Área de Concentração – Linguística – Linha de Pesquisa – Teoria e Análise Linguística.

Data da Aprovação: Maceió – AL, 20 de dezembro de 2017.

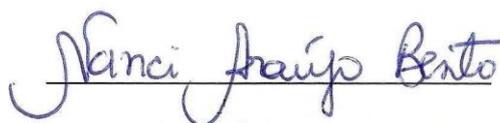
BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Telma Moreira Vianna Magalhães
Orientadora – Universidade Federal de Alagoas



Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins
Universidade Federal de Alagoas



Prof^a. Dr^a. Nanci Araújo Bento
Universidade Federal da Bahia

**Dedico este trabalho a minha esposa que a muito
custo abdicou de tudo por ele.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me proporcionado essa experiência fascinante em minha vida.

À exímia Professora Dr^a Telma Magalhães por ter acreditado neste trabalho.

À minha esposa que por muitas vezes se anulou em prol desta pesquisa.

À minha mãe que nunca desistiu de mim.

Aos meus familiares e amigos pelo incentivo.

A coisa mais importante que eu quero destacar é que a ASL é uma língua. Claro, ela parece ser completamente diferente de outras línguas já conhecidas como o inglês, o russo e o japonês. Isso significa que a transmissão não é através do trato vocal criando sinais acústicos que são detectados pelo interlocutor por meio da audição. Ao invés disso, os gestos do sinalizador criam sinais que são detectados pelo interlocutor por meio do sistema visual. (...) O sistema periférico é diferente, mas a atividade inerente é a mesma.

Ray Jackendoff

RESUMO

Esta dissertação tem como finalidade de estudo a ambiguidade encontrada em sentenças com verbos simples biargumentais conversar e abraçar (*plain verbs*) em orações simples e declarativas em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O objetivo é averiguar o fenômeno da ambiguidade e seus reflexos na ordem sintática dos respectivos verbos a partir das pesquisas existentes em sintaxe em língua de sinais. Por ser uma língua ainda pouco descrita, pretendemos com esse trabalho contribuir para uma maior compreensão no que diz respeito ao funcionamento da ordem dos constituintes em uma sintaxe espacial. A ordem básica encontrada nessas línguas é a SVO, mas outras possibilidades de reordenação são realizáveis ainda que, neste caso, sejam percebidas ambiguidades quando os argumentos são reordenados. Segundo trabalhos de Fisher (2014) e Quadros (1999) a ambiguidade seria desfeita a partir do processo da topicalização, no entanto, nossos dados nos mostraram que a topicalização mantém a ambiguidade. Para desfazer a ambiguidade e a reordenação da sentença, o traço semântico do verbo desempenha um papel importante já que se observa que ao mover os argumentos dos verbos como conversar/abraçar para o início da sentença tivemos como resultado a ordem SV não-ambígua. A teoria adotada foi a Teoria Gerativa, especificamente a Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P). Acerca da metodologia, foi adotado o Julgamento de Aceitabilidade na qual os informantes, a partir do seu conhecimento inato de língua, sinalizavam a aceitabilidade ou não das sentenças. Concluímos que o traço semântico e a simetria verbal influenciam a ordem e a interpretação sintática.

PALAVRAS-CHAVES: Língua Brasileira de Sinais, Sentença, Ordem Sintática, Verbo

ABSTRACT

This dissertation has as object of study the ambiguity founded in sentences with simple biargumentals verbs to talk and to embrace (plain verbs) in simple and declarative sentences in Brazilian Sign Language (LIBRAS). The objective is to ascertain the phenomenon of ambiguity and its reflexes in the syntactic order of the respective verbs from the existing researches in sign language syntax. Because it is a language that has not yet been described, we intend with this work to contribute to a greater understanding regarding the functioning of the order of the constituents in a spatial syntax. The basic order founded in these languages is the SVO, but other possibilities of reordering are feasible even if, in this case, ambiguities are perceived when the arguments are reorded. According to Fisher (2014) and Quadros (1999), ambiguity would be undone from the topicalization process, however, our data showed us that topicalization maintains the ambiguity. To unmake the ambiguity and the reordering of the sentence, the semantic trait of the verb plays an important role since it is observed that when moving the arguments of the verbs like talk / embrace to the beginning of the sentence we have resulted in the nonambiguous SV order. The theory adopted was the Generative Theory, specifically the Theory of Principles and Parameters (P & P). Regarding the methodology, the Judgment of Acceptability was adopted in which the informants from their innate knowledge of language signaled the acceptability or not of the sentences. We conclude that semantic trait and verbal symmetry influence order and syntactic interpretation.

Keys Word: Brazilian Sign Language; Sentence; Syntatic Order; Verb

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Movimento -----	29
Figura 2 - Espaço -----	30
Figura 3 - Ponto de Articulação -----	31
Figura 4 - Orientação de Mão -----	31
Figura 5 - Expressões Faciais -----	32
Figura 6 - Eu perguntar -----	34
Figura 7 - Perguntar -----	35
Figura 8 - Perguntar 2 -----	37
Figura 9 - Dizer -----	39
Figura 10 - Me disse -----	39

LISTA DE TABELA

Quadro 1 - Informante 1-----	54
Quadro 2 - Informante 2-----	55
Quadro 3 - Informante 3-----	55
Quadro 4 - Informante 4-----	56
Quadro 5 - Informante 5-----	57
Quadro 6 - Informante 1- Papel Temático-----	58
Quadro 7 - Informante 1 – Papel Temático -----	58
Quadro 8 - Informante 1 – Papel Temático -----	58
Quadro 9 - Informante 1 – Papel Temático -----	58
Quadro 10 - Informante 2 – Papel Temático -----	59
Quadro 11 - Informante 2 – Papel Temático -----	59
Quadro 12 - Informante 2 – Papel Temático -----	59
Quadro 13 – Informante 3 – Papel Temático-----	59
Quadro 14 - Informante 3 – Papel Temático -----	59
Quadro 15 - Informante 3 – Papel Temático -----	60
Quadro 16 - Informante 3 – Papel Temático -----	60
Quadro 17 - Informante 4 – Papel Temático -----	60
Quadro 18 - Informante 4 – Papel Temático -----	60
Quadro 19 - Informante 4 – Papel Temático -----	60
Quadro 20 - Informante 4 – Papel Temático -----	61
Quadro 21 - Informante 5 – Papel Temático-----	61
Quadro 22 - Informante 5 – Papel Temático-----	61
Quadro 23 - Informante 5 – Papel Temático -----	61
Quadro 24 - Informante 5 – Papel Temático -----	61
Quadro 25 - Resultados -----	62

LISTA DE SIGLAS

ASL – American Sign Language/Língua de Sinais Americana

LGP – Língua Gestual Portuguesa

CM – Configuração de Mão

M – Movimento

PA – Ponto de Articulação

ENM – Expressão Não-Manual

LS – Língua de Sinais

HKSL – Hong Kong Sign Language/Língua de Sinais de Hong Kong

DGS – Deutsche Gebärdensprache/Língua de Sinais Alemã

JSL – Japanese Sign Language/Língua de Sinais Japonesa

TSL – Thai Sign Language/Língua de Sinais Tailandesa

LSB – Língua de Sinais Brasileira

BSL – British Sign Language/Língua de Sinais Britânica

SUMÁRIO

Introdução	13
1.1. Teoria Gerativa e a Sentença	18
1.2. A Estrutura da Sentença	20
1.2.1 A Teoria X-Barra	22
1.2.2 A Teoria Temática	25
2. As Línguas de Sinais: Breve Considerações	28
2.1 Os Verbos em Língua Brasileira de Sinais	33
2.1.1 Os Verbos com Concordância	33
2.1.2 Os Verbos Manuais	33
2.2 A Dinâmica dos Verbos Simples (<i>Plain Verbs</i>)	41
2.2.1 Os Verbos Simples e sua Definição	41
2.3 Os Verbos Simples e a Ordem da Sentença	42
2.4 A(Re)Ordenação da Sentença com os Verbos Simples	44
2.4.1 SVO	44
2.4.2 SOB e OSV	48
2.5 Topicalização	50
3. Metodologia	52
3.1 Caracterização	52
3.2 Os Informantes	53
3.3 Os Instrumentos	53
3.3.1 Testes de Aceitabilidade	53
3.3.2 Testes de Produção e Compreensão	57

4. Análise dos Dados -----	64
Considerações Finais -----	79
Referências Bibliográficas -----	81

Introdução

Com o advento dos estudos linguísticos acerca das línguas de sinais pela linguística, estas passaram a ser vistas como um sistema legítimo, como línguas naturais. Antes, essas línguas eram abordadas/analizadas por outras áreas da ciência como um problema do surdo ou uma patologia da linguagem.

Diversas são as pesquisas que têm focalizado o estudo da Sintaxe nas línguas orais, mas ainda são restritos as que se dedicam à modalidade viso-gestual o que torna as pesquisas em sintaxe bastante restritas.

As pesquisas existentes (PERLIN & STROBEL (2009); STROBEL (2009)) no que tange à surdez têm se preocupado, basicamente, com as abordagens específicas educacionais para os surdos, com o discurso de defesa da “cultura surda”. Isso decorre do fato de que é novo o interesse da linguística pela sintaxe visual, principalmente no que diz respeito às suas descrições sintáticas como sua ordem e sua estrutura.

Sobre os estudos sintáticos em línguas de sinais percebemos que ainda são incipientes, porém tem aumentado, gradativamente nos espaços acadêmicos pesquisas que buscam descrever a complexidade da estrutura sintática espacial. No Brasil, os primeiros trabalhos sintáticos em língua brasileira de sinais são de Brito (2010) os quais descreviam as primeiras possibilidades de ordenação.

Uma questão bastante explorada em sintaxe é a ordem de seus elementos (SVO) (FISHER, 2014). Esses estudos sobre a ordem têm demonstrado que algumas línguas podem alterar para OSV ou VSO e outras não, evidenciando alguma restrição.

As restrições observadas quando da alteração da ordem de argumentos dos verbos simples¹ em línguas de sinais brasileira é o foco deste estudo haja vista os poucos estudos sobre a restrição na ordem desses verbos. Vale ressaltar que a alteração da ordem dos argumentos dos verbos é um fenômeno disponível também em LIBRAS, porém, nem todas as possibilidades estão licenciadas para todos os tipos de verbos. Como podemos ver nos exemplos abaixo:

¹Há uma discussão acerca da terminologia dos verbos em língua de sinais (QUADROS, 1999). Neste trabalho, adotaremos os termos Verbos Simples, Verbos com Concordância e Verbos Manuais para as três classificações verbais em línguas de sinais assim como faz Quadros (1999).

- (1) M-A-R-I-A COMPRAR CANETA² - *Maria comprou uma caneta*
 Maria caneta compra
- (2) CANETA M-A-R-I-A³ COMPRAR – *Uma caneta Maria comprou*
 Caneta Maria compra
- (3) CANETA COMPRAR M-A-R-I-A – *Uma caneta comprou Maria*
 Caneta compra Maria
- (4) COMPRAR M-A-R-I-A CANETA – *Comprou Maria uma caneta*
 Compra Maria caneta
- (5) COMPRAR CANETA M-A-R-I-A – *Comprou uma caneta Maria*
 Compra caneta Maria
- (6) COMPRAR CANETA M-A-R-I-A – *Comprou uma caneta Maria*
 Compra caneta Maria
- (7) M-A-R-I-A GOSTAR P-E-D-R-O³ – *A Maria gosta do Pedro*
 Maria gosta Pedro
- (8) M-A-R-I-A P-E-D-R-O GOSTAR(ambíguo) – *A Maria do Pedro gosta*
 Maria Pedro gosta
- (9) GOSTAR M-A-R-I-A P-E-D-R-O(ambíguo) – *Gosta a Maria do Pedro*
 Gosta Maria Pedro
- (10) GOSTAR P-E-D-R-O M-A-R-I-A(ambíguo) - *Gosta do Pedro a Maria*
 Gosta Pedro Maria
- (11) P-E-D-R-O M-A-R-I-A GOSTAR(ambíguo) - *O Pedro da Maria gosta*
 Pedro Maria gosta
- (12) P-E-D-R-O GOSTAR M-A-R-I-A – *Pedro gosta da Maria*
 Pedro gosta Maria

Os verbos em LIBRAS são divididos em três classes: os verbos simples, os verbos sem concordância e os verbos manuais. Os verbos COMPRAR e GOSTAR

² Nos exemplos (1) a (12), num primeiro momento, utilizaremos letras em caixa alta para os registros em LIBRAS, logo baixo em glosa para aproximar o entendimento da sentença e em letra cursiva para a tradução para o português.

³ Utilizaremos a separação a separação das letras para marcar os nomes de pessoas a fim de referenciar a datilologia que é a “digitação” dos nomes a partir das letras do alfabeto. A datilologia é um recurso utilizado pelas línguas de sinais quando uma determinada palavra não possui um sinal correspondente em línguas de sinais (FELIPE & SALERMO, 2001)

pertencem a classe dos verbos simples, no entanto se comportam de maneira distintas no que diz respeito a interpretação sintática. Com o verbo COMPRAR podemos ter seis reordenações dos itens que compõem a sentença preservando sua interpretação, mas com o verbo GOSTAR só é possível uma interpretação (7). A partir dos testes realizados para essa pesquisas os quais participaram surdos, para as sentenças (8), (9), (10) e (11) eles as consideraram ambíguas. Os surdos interpretaram essas sentenças com duas possibilidades: *Maria gosta de Pedro* ou *Pedro gosta de Maria*. A sentença (12) é interpretada de maneira diferente da sentença (7), constituindo duas sentenças distintas.

É interessante destacar que se permutarmos o item lexical PEDRO, em (7), por CHOCOLATE, nas sentenças de (13) a (18), podemos reordenar as sentenças com o verbo GOSTAR de forma similar as sentenças com o verbo COMPRAR, sempre preservando uma única interpretação, a de que *Maria gosta de chocolate* para todas as sentenças.

(13) M-A-R-I-A GOSTAR CHOCOLATE – *Maria gosta de chocolate*

(14) M-A-R-I-A CHOCOLATE GOSTAR – *Maria de chocolate gosta*

(15) CHOCOLATE M-A-R-I-A GOSTAR – *De chocolate Maria gosta*

(16) CHOCOLATE GOSTAR M-A-R-I-A – *De chocolate gosta Maria*

(17) GOSTAR M-A-R-I-A CHOCOLATE – *Gosta Maria de chocolate*

(18) GOSTAR CHOCOLATE M-A-R-I-A – *Gosta de chocolate Maria*

De forma análoga, sentenças com o verbo AMAR também não podem ser reordenadas sem ambiguidade.

(19) J-O-Ã-O AMAR M-A-R-I-A – *O João ama a Maria*

(20) J-O-Ã-O M-A-R-I-A AMAR- *O João a Maria ama*

(21) AMAR J-O-Ã-O M-A-R-I-A – *Ama o João a Maria*

(22) AMAR M-A-R-I-A J-O-Ã-O – *Ama a Maria o João*

(23) M-A-R-I-A J-O-Ã-O AMAR – *A Maria o João ama*

(24) J-O-Ã-O AMAR M-A-R-I-A – *O João ama a Maria*

Para as sentenças acima, os informantes surdos interpretam de duas maneiras: *Maria ama João* ou *João ama Maria*. Como nas sentenças com o verbo GOSTAR (sentenças de (7) a (18)), permutamos MARIA por MAÇA, a possibilidade de reordenar os constituintes da sentença foi retomada e a ambiguidade não aparece. Os surdos atribuem uma única interpretação independente da ordem, a de que *João ama maçã*.

- (25) J-O-Ã-O AMAR MAÇA – O João ama maçã
 (26) J-O-Ã-O MAÇA AMAR – O João maçã ama
 (27) MAÇA J-O-Ã-O AMAR – A maçã o João ama
 (28) MAÇA AMAR J-O-Ã-O – A maçã ama o João
 (29) AMAR MAÇA J-O-Ã-O – Ama a maçã o João
 (30) AMAR J-O-Ã-O MAÇA – Ama o João a maçã

Podemos observar que o verbo AMAR se comporta de maneira semelhante ao verbo GOSTAR. Assim, nos perguntamos: o que licencia a reordenação sintática com o verbo COMPRAR sem ambiguidade? O que difere as sentenças que contém o verbo GOSTAR e AMAR das sentenças com o verbo COMPRAR? O que permite essa simetria entre os verbos GOSTAR e AMAR? Porque ao reordenar as sentenças de P-E-D-R-O- GOSTAR MARIA há o aparecimento da ambiguidade, mas ao reordenar M-A-R-I-A GOSTAR CHOCOLATE não há ambiguidade?

Diante do exposto, nosso objetivo é descobrir o que permite que sentenças com verbos simples do tipo COMPRAR possam ter seus argumentos reordenados nas sentenças sem ambiguidade e verbos do tipo GOSTAR/AMAR não o possam, verificando quais processos estão presentes na relação do predador e seus argumentos e checar alguns traços semânticos dos verbos COMPRAR/GOSTAR/AMAR. Verbos como LEMBRAR, CONVERSAR e LER compartilham desse comportamento? Seria P-A-U-L-A LEMBRAR JOAO ou P-A-U-L-A J-O-A-O LEMBRAR sentenças ambíguas?

Partimos do pressuposto de que os traços semânticos (agente/experienciador) dos verbos GOSTAR/AMAR licenciam a ordem dos itens lexicais para outras posições na sentença sem/com ambiguidade conforme pudemos observar nas ilustrações acima. Para confirmar esta hipótese, adotaremos os pressupostos da Teoria Gerativa em seus

módulos da Teoria X-Barra que trata da relação dos constituintes na sentença e da Teoria Temática que trata da interpretação/traços semânticos dos argumentos do verbo.

Assim, o presente trabalho irá contribuir para uma melhor compreensão da reordenação dos constituintes de sentença espacial bem como descrever como uma subclasse dos verbos simples se comportam de maneira diferente das demais no que diz respeito a possibilidade de interpretação sintática após uma reordenação uma vez que essas línguas tornam-se um objeto novo de investigação pelos estudiosos de língua de sinais.

A metodologia partiu da coleta de dados de Julgamentos de Aceitabilidade. Os informantes são sujeitos surdos falantes da LIBRAS na qual eles terão que produzir sentenças com constituintes em diferentes ordens (SVO, SOV, OSV) e dizer se as sentenças são boas ou não. O teste constituiu dos seguintes passos: primeiro: as sentenças eram sinalizadas para os informantes na qual julgavam-nas como boas ou não.

A presente dissertação está estruturada da seguinte forma: no Capítulo I são abordado alguns aspectos da Teoria Gerativa e os seus pressupostos da Teoria X-Barra e da Teoria Temática, no Capítulo II é apresentada algumas considerações acerca das línguas de sinais, dos tipos verbais e dos verbos simples. Em seguida no Capítulo III, descreveremos a metodologia utilizada neste trabalho para a obtenção dos dados a fim de verificar a nossa hipótese. Logo após, no Capítulo IV é feita a análise dos dados e a apresentação dos resultados. Por fim, são feitas as considerações finais.

1.1 A TEORIA GERATIVA E A SENTENÇA

Neste trabalho utilizaremos os pressupostos teóricos-metodológico da Teoria Gerativa na sua versão de Princípios e Parâmetros (P&P). Proposta pelo linguísta Avran Noam Chomsky (1960), a teoria gerativa hipotetiza que a Faculdade da Linguagem (FL) é um componente da mente/cérebro, determinada biologicamente e responsável pelo conhecimento linguístico. “Pressupomos ainda que o órgão da linguagem é como os outros, no sentido de que seu caráter básico é uma expressão dos genes” (CHOMSKY, 1998, P, 19). Sendo assim, a faculdade da linguagem é exclusiva dos seres humanos e por isso as condições para adquirir uma gramática já vem com o indivíduo (no caso, uma criança). O estado inicial da Faculdade da Linguagem (órgão responsável pela capacidade aquisição) é desvendado pela Teoria da Gramática Universal (GU). Chomsky (1986) coloca que é a natureza da Faculdade da Linguagem o foco de análise de uma teoria geral da estrutura linguística.

Segundo Chomsky (1986, p. 3) “a gramática universal é uma caracterização da faculdade da linguagem.” Assim, não podemos confundir gramática universal com faculdade da linguagem: a primeira, como já dissemos, é a teoria sobre o estudo inicial da FL, enquanto que a segunda é o conhecimento da língua com o qual as crianças já nascem dotadas. Mas o que seria esse conhecimento inato da língua?

A Teoria Gerativa afirma que os dados linguísticos primários – *o input* – independentemente de sua qualidade, assumem papel importante no processo de aquisição e isso nos remete ao problema de Platão: como é que o ser humano sabe tanto diante de evidências tão poucas, passageiras? Como é que o ser humano conhece tanto da língua apesar da pobreza de estímulo?

Outra questão relevante que reforça a hipótese do conhecimento linguístico inato, está no fato de que uma língua não se aprende a partir de regras gerais ou de habilidades que o indivíduo tem, muito menos por memorização.

... se fosse assim, o processo de aquisição deveria ser muito mais lento e, sem dúvida alguma, muito mais árduo. De novo, não se vêem crianças tentando decorar construções para fazer perguntas, negações ou construções impessoais (...). Se tivéssemos que fazer isso para adquirir o conhecimento de nossa língua, os anos pré-escolares certamente seriam os piores anos de nossas vidas! (NEGRÃO ET AL, 2004, P. 97)

Assim, a competência linguística é o “conhecimento que temos de nossa língua materna” (IBIDEN, 2004, P. 113). Esse conhecimento inato da língua é possível devido a existência da Faculdade da Linguagem.

Há, de fato, muitas evidências de que a linguagem seja uma faculdade natural à espécie humana. Pensemos, por exemplo, que, excluindo-se os casos patológicos graves, todos os indivíduos humanos, de todas as raças, em qualquer condição social, em todas as regiões do planeta e em todos os tempos da história foram e são capazes de manifestar, ao cabo de alguns anos de vida e sem receber instrução explícita para tanto, uma competência linguística – a capacidade natural e inconsciente de produzir e entender frases. (KENEDY, 2011, P 129)

A gramática universal é composta por princípios e parâmetros. Os princípios são invariáveis e válidos para todas as línguas e os parâmetros são as possibilidades de variação entre as línguas.

...a Gramática Universal é constituída de dois tipos princípios. Alguns deles são rígidos e invariáveis, enquanto outros são abertos. Esses princípios abertos são chamados de parâmetros, e seu valor só é fixado ao longo do processo de aquisição, com base na informação linguística à qual a criança é exposta. Portanto, adquirir o conhecimento de uma língua consiste, fundamentalmente, em atribuir os valores estabelecidos por essa determinada língua aos parâmetros da Gramática Universal. (NEGRÃO et al, 2004, p. 97).

O falante possui um conjunto abstrato e vasto de princípios que delimitam as propriedades de sua língua e parâmetros que, ao serem fixados pela exposição aos dados, via interação, resultam no estado final do sistema linguístico adquirido.

Conhecer e descrever o conhecimento linguístico do falante é o objetivo da Teoria Gerativa. Para isso, a teoria gerativa utiliza a sintaxe como meio para compreender esse conhecimento inato da língua.

Esse conhecimento da língua é o que nos permite compreender as sentenças. Esse conhecimento é chamado de competência linguística. Tal competência é evidenciada quando observamos crianças em processo de aquisição de uma língua. O

mais fascinante dessas observações é que as crianças falam escutando frases incompletas, truncadas ou não escutam quase nada. Falam e constroem frases tão ou mais complexas do que aquelas que ouvem ou nem ouviram. Dessa forma, a criança deverá ser exposta aos dados da língua, isto é, a criança deve estar inserida num ambiente linguístico, pois à medida que a crianças vão recebendo esses dados de língua, a competência linguística vai sendo ativada. Nem sequer precisariam ir à escola para aprenderem a falar ou a construir frases.

1.2 A Estrutura da Sentença

Sendo as expressões sintáticas a exteriorização da língua, cabe aos linguistas explicar tais construções a partir de pressupostos teóricos utilizando-se de teorias que tentam explicar as sentenças já produzidas e as que poderão ser produzidas.

Dessa forma, ao enunciar uma sentença, o falante, inconscientemente, expõe regras abstratas de combinação entre os elementos que constituem a sentença. Tais regras já se encontram embutidas nas frases. É interessante ressaltar que o falante, apesar de não ter consciência da existência dessas regras, reconhece quando uma regra é infringida, ou seja, quando uma sentença não é boa. Acerca desse fato, podemos dizer que os falantes de uma língua, a partir do conhecimento inato que eles têm de sua língua, realizam um julgamento intuitivo da sentença. Isso permite aos falantes perceberem se uma sentença é aceitável ou não, isto é, se uma sentença é gramatical ou não. É interessante destacar que esse julgamento independe do grau de instrução dos falantes. Essa é uma questão altamente relevante para a análise dos dados *a posteriori*!

As sentenças que os falantes produzem são compostas por elementos sintáticos. A ordem desses elementos não é aleatória, mas pré-definida e fica à disposição do falante.

A ordem linear dos itens lexicais em uma sentença obedece, na verdade, a uma competência do falante em organizar estruturalmente os constituintes básicos que se distribuem pela sentença. (BERLINCK, 2012, P. 228)

Assim, os constituintes ficam à disposição dos falantes o qual vai construindo as sentenças conforme seu conhecimento linguístico. À medida que os constituintes vão se agrupando, as sentenças vão se formando. Se a sentença é formada por constituintes, seria a sentença um constituinte? A sentença é o constituinte máximo da sintaxe. Esse constituinte possui constituintes menores que ao serem inseridos na sentença, devem obedecer às relações de dependência e hierarquia entre eles. A posição que um constituinte irá ocupar na sentença deverá obedecer também a critérios morfológicos.

As relações entre os constituintes são impostas por um núcleo que por sua vez chamamos de predicado. O predicado é um constituinte que impõe condições/critérios para a entrada de seus argumentos. A quantidade de argumentos varia conforme o tipo de verbo (três, dois, um ou zero argumentos).

Na frase, *O menino comprar uma caneta*, podemos observar a presença de cinco constituintes: O / menino / comprar / uma / caneta. Notemos também que, o constituinte “O” mantém uma relação com o constituinte “menino”, formando um constituinte maior. Da mesma forma, o constituinte “uma” mantém relação com o constituinte “caneta”, formando um constituinte maior. A esses constituintes maiores chamamos de sintagma. Esses dois sintagmas preenchem dois espaços: o espaço a direita e o espaço a esquerda do verbo. Assim, existem dois espaços que devem ser preenchidos obedecendo as exigências do verbo comprar, pois se tivéssemos uma sentença do tipo *comprar*, imediatamente iríamos perguntar quem comprou e o que comprou. (COELHO ET AL, 2009). Assim, diante do que foi exposto, o verbo comprar mantém uma relação semântica de compra e que dois argumentos estarão presentes na sentença (MIOTO ET AL, 2007, P. 48)

Aos constituintes que satisfazem as exigências do verbo chamamos de argumentos. Chamamos de argumento externo os constituintes “que são dominados pela projeção máxima do verbo ocupando a posição Spec VP” (MIOTO ET AL, 2007, P. 194); e chamamos de argumento interno o complemento que na projeção intermediária (V’) ocupa a posição de DP (MIOTO ET AL, 2007). Portanto temos *O menino* como argumento externo e *uma caneta* como argumento interno.

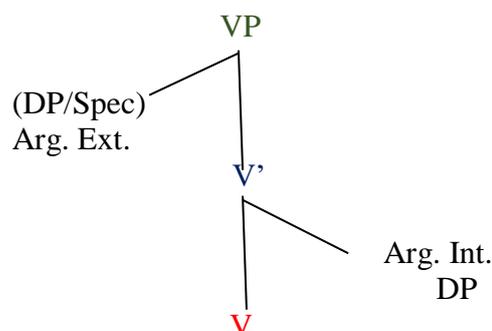
1.2.1 A Teoria X-Barra

A Teoria X-Barra explica como os constituintes se relacionam e se estruturam dentro da sentença.

A Teoria X-Barra é um módulo da gramática que permite representar um constituinte. Ela é necessária para explicitar a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar a sentença. Como qualquer módulo da gramática, a Teoria X-Barra deve ser universal a ponto de configurar-se como um esquema geral, capaz de captar a estrutura interna dos sintagmas de qualquer língua; mas também deve presta-se a dar conta da variação nas diferentes línguas. (MIOTO et al, 2007, p. 46)

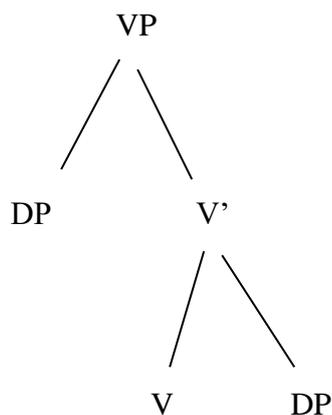
Como forma de representar as sentenças, a Teoria X-Barra utiliza-se de um sistema notacional conhecido como árvore. Tal teoria nos permite compreender “a natureza do constituinte, as relações que se estabelecem dentro dele e o modo como os constituintes se hierarquizam para formar sentenças” (MIOTO ET AL, 2007, P. 46). Kenedy (2013, p. 196) coloca que “a teoria x-barra é interessante e útil justamente porque ela nos oferece um modelo de representação arbórea capaz de dar conta de todos os tipos de relação sintática (...)”. Assim, um núcleo verbal (**V**) mantém relação com o argumento externo e interno. A projeção intermediária (**V'**) nos mostra a relação do verbo com seu argumento interno e a projeção máxima (**VP**) nos mostra a relação do verbo com seu argumento externo.

(31)

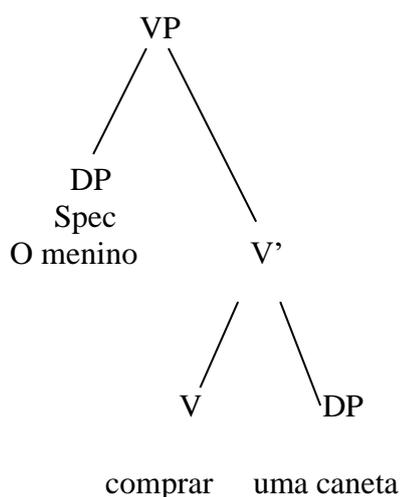


Em síntese temos: o VP (Verbal Phrase) como a projeção máxima, V' como projeção intermediária e V como a projeção mínima.

(32)



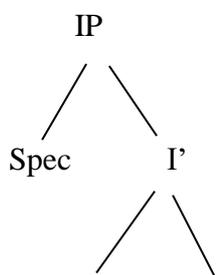
(33)

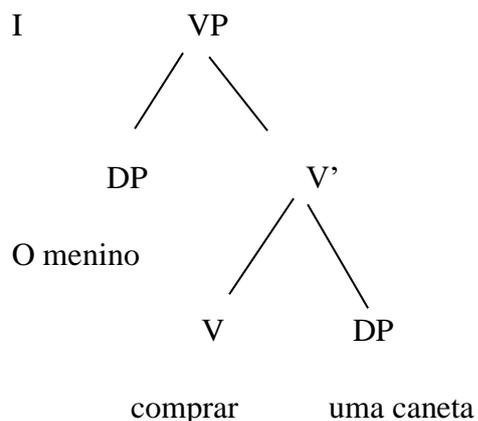


O verbo encontra-se na sua forma não-finita. Para que o verbo seja flexionado, a árvore terá de ser ampliada para dar conta da flexão. Para a projeção flexionada, denominamo-la de IP (do inglês Inflection Phrase/Sentença Flexionada). Sobre o IP, Kenedy (2013, p. 201) afirma que “esse sintagma é interessante porque é ele que atribui a um sv com argumentos saturados o *status* de sentença, conferindo-lhe uma flexão, isto é, uma forma finita (com expressão de tempo, modo, aspecto, número e pessoa em português”. É o movimento do núcleo que torna a sequência sintática numa sentença (KENEDY, 2013), como se observa na sentença no exemplo (35).

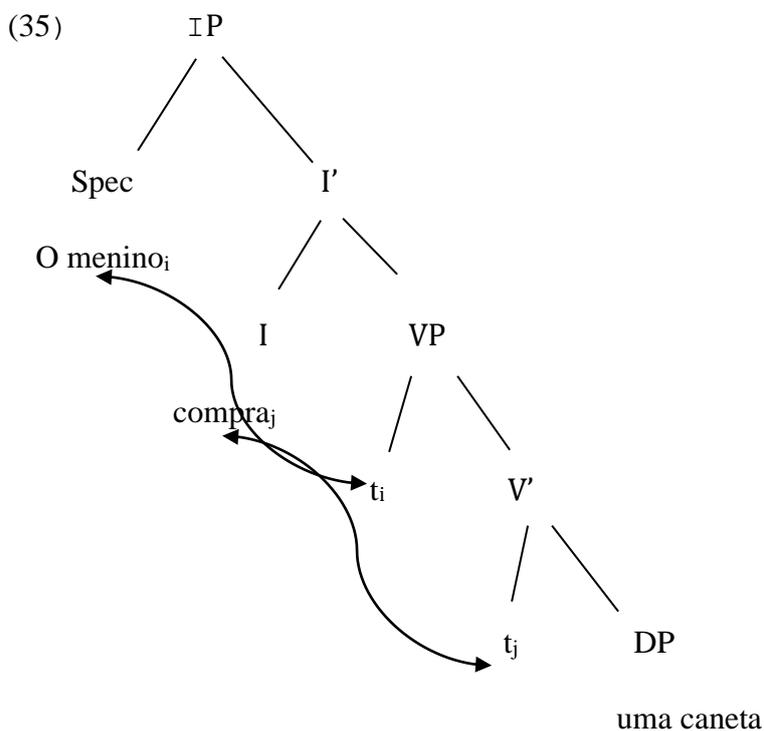
Colocando a flexão de tempo no verbo, teremos: *O menino compra a caneta.*

(34)





Ao pôr a flexão, os elementos deverão ocupar as posições do IP. *O menino* deverá se deslocar para a posição do Spec (especificador/posição de sujeito) e o verbo deverá se mobilizar para o I (a posição da flexão do verbo).



Ao serem transportados para ocupar as posições do IP, os itens deixam rastros de seus movimentos (chamamos tecnicamente de vestígios) a fim de sinalizarem suas posições de origem e de destino, formando uma cadeia.

Para o DP de VP o “i” e para o V de V’ o “j”. Acerca dessas movimentações, Xavier & Morato (2014, p. 29) colocam que

após cada movimentação feita, não há possibilidade de voltar e se refazer nada, por isso se diz que o sistema é perfeito e não erra. Ele sempre faz a operação corretamente e, a cada operação finalizada na sintaxe, a sentença é enviada para receber sua forma fonológica (a ser dita) e sua forma lógica (para ser interpretada)

Sendo assim, diante do que foi exposto, a teoria X-barra nos mostra a estruturação das sentenças a partir de relações entre seus constituintes, a organização interna dos sintagmas e como os constituintes se juntam para formar constituintes maiores. É uma teoria aplicada a todas as línguas naturais. Assim, a teoria x-barra nos dará suporte para a compreensão das sentenças em LIBRAS e, conseqüentemente, suas análises. Com isso esperamos dar uma contribuição aos estudos da LIBRAS, compreendendo a arquitetura da sentença partir das descrições norteadas pela teoria x-barra.

1.2.2 A Teoria Temática

Quando produzimos a frase *O menino comprou uma caneta*, observe que o verbo faz exigências semânticas, isto é, exige complementos que preencham os espaços *de quem compra* e *do que é comprado*. É nessa mobilização semântica que a teoria temática irá atuar. Segundo Stalmszczyk (1998, p. 102) “os princípios tetras descrevem as relações semânticas que mantêm entre argumentos e predicados sintaticamente implementandos as propriedades lexicais”⁴. O autor propõe que a distinção entre *Syntactic Predication* (Predicação Sintática) e *Semantic Predication* (Predicação Semântica) é crucial para o modelo da gramática gerativa, salientando que a “predição semântica lida com a interpretação de argumentos de verbos e atribuição de função”⁵ e “está associado com a interpretação e atribuição de funções temáticas e, como tal, se enquadra no âmbito Theta Theory”⁶ (ibidem). Dessa forma, ao *o menino* e a *uma caneta*

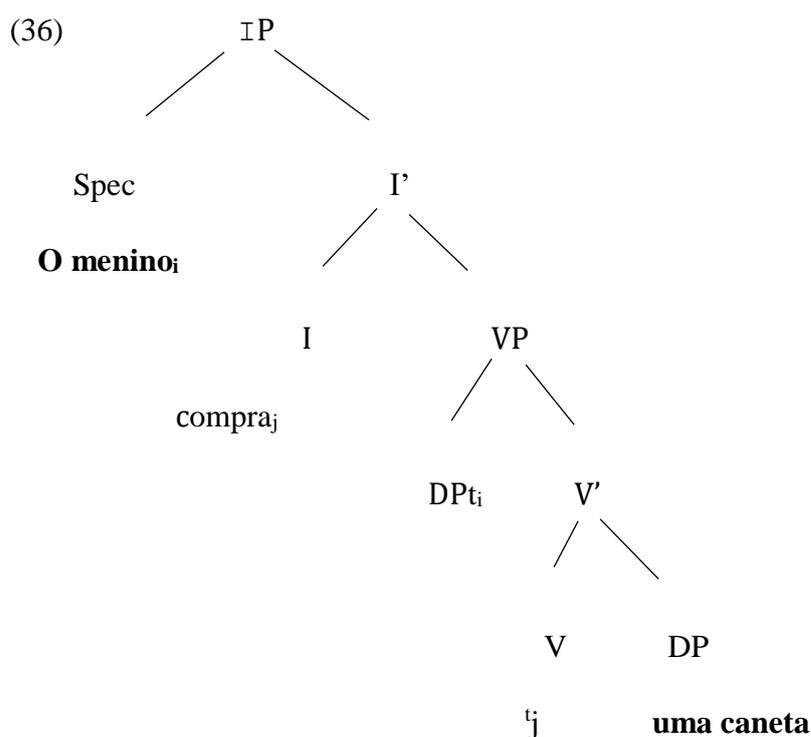
⁴ No original: “the theta principles describe the semantic relations holding between arguments and predicates syntactically implementing the lexical propities of heads”

⁵ No original: “semantic predication deals with interpretation of arguments of verbs and thematic role assignment”

⁶ No original: “is associate with interpretation and thematic role assignment and as such falls under the scope Theta Theory”

são atribuídos papéis temáticos pelo verbo. Cabe a teoria teta atribuir adequadamente os papéis semânticos (STALMSZCZYK, 1998).

Os papéis temáticos são captados pelos argumentos os quais são selecionados pelo verbo. É o predicado que atribui esses papéis, ou seja, é o verbo que desencadeia a marcação temática. Na árvore a seguir, em negrito, podemos ver a distribuição dos papéis temáticos, também chamados de papéis teta. Observe também, que é por força da presença dos argumentos os quais são requeridos pelo verbo, que não podemos ter frase como **O menino compra* ou **comprar a caneta*. É necessário que haja um agente (aquele que compra) e um tema (aquilo que é comprado).



O verbo comprar atribui um papel teta a *uma caneta* de forma direta, e *comprar uma caneta* atribuem papel teta a *o menino* de forma indireta. Por se tratar de uma cena a qual se veicula um sentido, podemos dizer que a noção do papel temático está intimamente ligada a uma noção semântica atribuída aos DPs. Ou seja, o papel temático é o papel semântico desempenhado pelos DPs e exigidos pelo verbo. Observe também que, sendo deslocados para outras posições na árvore, os itens *o menino* e *comprar* preservam suas características adquiridas em suas posições iniciais. Isto é, ainda que *o menino* não esteja mais na posição de DP de VP, o papel teta recebido naquela posição o acompanhará para sua posição final em Spec. O espaço “vazio” em

DP de VP não poderá mais ser preenchido por outro constituinte, pois esse espaço mantém uma relação de co-referência com o seu item lexical, assim como o constituinte *o menino* não receberá um outro papel teta em Spec, pois este já recebeu em sua posição original. A relação entre a posição inicial e a posição final ocupadas por um constituinte formam uma cadeia. E em cada cadeia deve haver um único papel teta e vice-versa. Note que como o verbo faz uma seleção semântica, então dizemos que ele s-seleciona um constituinte. Além de fazer uma seleção semântica, o verbo faz uma seleção categorial de seus argumentos (c-seleciona).

A distribuição dos papéis temáticos segue uma hierarquia, ou seja, em virtude da distribuição dos papéis temáticos entre os argumentos, observa-se uma maior ocorrência do papel temático agente/experienciador para os argumentos externos enquanto que para os argumentos internos percebe-se o papel temático de tema/paciente (KENEDY, 2013).

Sendo assim, o papel temático evidencia a relação semântica que se encontra associada aos argumentos do predicador, isto é, é a interpretação semântica atribuída aos argumentos do verbo. Tal conceito será de grande relevância para nossas análises haja vista a presença de predicados que se manifestam de natureza semântica distintas.

2. AS LÍNGUAS DE SINAIS: BREVES CONSIDERAÇÕES

Os estudos linguísticos das línguas de sinais se iniciaram com o linguista norte-americano William Stokoe (1960). Considerado o pai da linguística das línguas de sinais, ele apresentou uma análise descritiva da American Sign Language (ASL), Língua de Sinais Americana, usada nos Estados Unidos e no Canadá. Até então, os estudos linguísticos se concentravam nas línguas orais. Pela primeira vez na história da linguística, um estudioso da língua mostra uma análise nos níveis fonológico e morfológico de uma língua de sinais que passou a ter o status de língua, pois antes dessa iniciativa de Stokoe, as línguas de sinais eram vistas como um conjunto de gestos.

Como já foi dito acima, a partir das descrições de Stokoe (1960), as línguas de sinais passaram a ser consideradas línguas naturais. Cada país possui a sua língua de sinais, mas há casos em que alguns países compartilham a mesma língua de sinais como é o caso dos Estados Unidos e Canadá que compartilham a ASL (American Sign Language) como língua de sinais ainda que se evidencie a variação linguística (LEMASTER & MONAGHAR, 2004). Diferentemente do Brasil e de Portugal que possuem línguas de sinais diferentes. No Brasil, temos a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)⁷ e, em Portugal, temos a Língua Gestual Portuguesa (LGP). Assim como há a Língua Brasileira de Sinais, há também a Língua de Sinais Espanhola, a Língua de Sinais Francesa, Sueca, Britânica, Chinesa, Japonesa entre outras.

Algumas pessoas pensam que as línguas de sinais são um conjunto de pantomimas, ou mímicas, ou uma forma de gestos das línguas faladas. Acerca desses equívocos Quadros e Karnopp (2004, p. 31) dizem que “pesquisas realizadas em diversos países procuram descrever, analisar e demonstrar o status linguístico das línguas de sinais, desmistificando concepções inadequadas em relação a esta modalidade de língua (...)”. Na produção do sinal das línguas de sinais estão envolvidos três aspectos ou parâmetros que são a configuração de mão, a locação e o movimento. A combinação desses três parâmetros gera o sinal. Produzidos isoladamente, esses parâmetros não carregam significado.

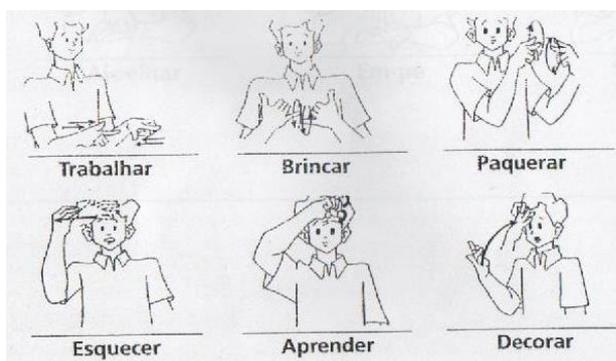
⁷ Adotamos a sigla LIBRAS por ser a mais difundida ao invés de LSB (Língua de Sinais Brasileira).

Quadros e Karnopp (2004) fazem um levantamento no nível fonológico desses parâmetros. Para as autoras, esses parâmetros possuem inventários que a depender da forma que são produzidos, podem alterar o significado do sinal.

A Configuração de Mão (CM), considerada o articulador primário, possui 46 configurações em LIBRAS. Esse número pode variar de uma língua para outra e de pesquisador para pesquisador. As configurações de mão remetem às manifestações do nível fonológico (QUADROS & KARNOPP, 2004). O sinal representa o conjunto de configurações de mão. A CM é responsável por dar forma à mão. Das 46 configurações de mão (QUADROS & KARNOPP, 2004), 26 delas representam as letras do alfabeto. Cada língua de sinais possui o seu quadro de configurações de mão.

O Movimento (M) é realizado na área em frente ao corpo e pode ser de diferentes formas: inclinado, para frente, para trás, para cima, para baixo, ondulado, repetitivo. Para aquelas autoras, citando Klima e Bellugi (1979), “o movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos dos pulsos e os movimentos direcionais no espaço”. O movimento é altamente produtivo e complexo, chegando a distinguir nomes de verbos (QUADROS & KARNOPP, citando SUPALLA e NEWPORT, 1978).

Figura 1 – Movimento

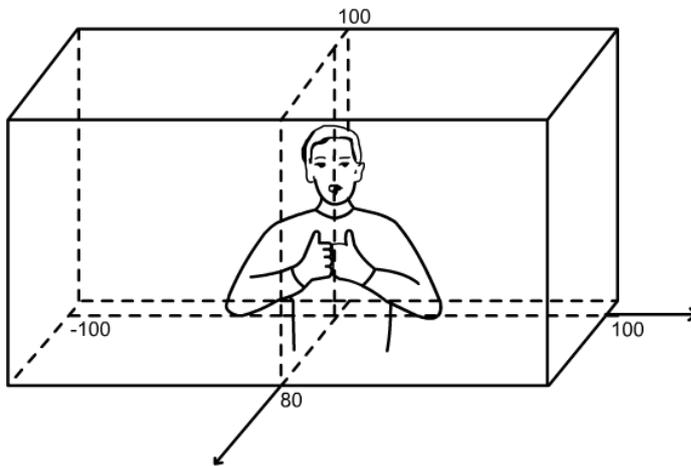


(<http://eugeniafernandespedagoga.blogspot.com.br/2012/11/libras-lingua-brasileira-de-sinais.html>)

Considerado um dos três parâmetros formadores do sinal, a Locação ou Ponto de Articulação (PA) é um parâmetro de grande produtividade, tendo seu uso altamente recorrente na sintaxe. Na produção do sinal, o PA é o local onde o sinal está sendo produzindo. Ainda que esse sinal tenha um movimento de direção, o PA principal é o local de partida do sinal. Quando o PA é em alguma parte do corpo, dizemos como local

essa parte do corpo na qual o sinal está alocado e quando o PA é no espaço a frente do corpo, dizemos que o PA é no espaço neutro. Para a sintaxe ou discurso, os PAs são locais definidos pelo sinalizante em qualquer área a frente do corpo e ao alcance das mãos num perímetro de 180°. Vale ressaltar que dentro dessa área, os PAs são limitados.

Figura 2 – Espaço da Sinalização

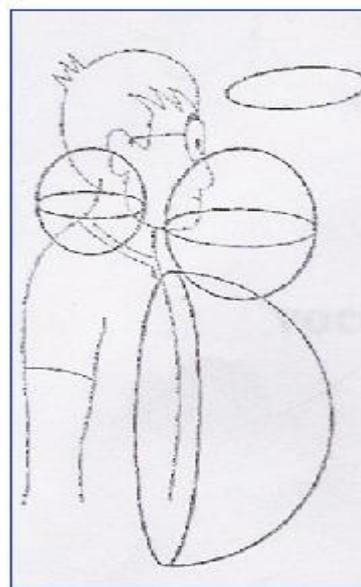


(LANGEVIN & FERREIRA BRITO, 1988:1)

Figura 3 – Ponto de Articulação



PA no corpo



PA no espaço

(<http://librasitz.blogspot.com.br/2010/07/os-cinco-parametros.html>)

No ato comunicativo, o falante ainda dispõe de mais dois parâmetros: a orientação da mão e as expressões não-manuais. A Orientação da Mão é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 59). Quadros & Karnopp, citando Ferreira-Brito (1995), elencam seis orientações de mão: na vertical, para cima e para baixo; na horizontal, para dentro e para fora e para os lados, contralateral e ipsilateral.

Figura 4 – Orientação de Mão



<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/foneticaEFonologia/scos/cap15009/10.html>

As Expressões Não-Manuais (ENM), que se dividem em expressões corporais e expressões faciais, são parâmetros que tem uma função dual: servem para construções sintáticas e para distinguir itens lexicais. As expressões não-manuais envolvem movimentos de cabeça, de rosto e de tronco. Ainda sobre as expressões faciais, estas podem ser subdivididas em expressões faciais afetivas e gramaticais. A primeira marca as emoções e sensações, e a segunda os aspectos sintáticos-discursivos. Vale salientar que esses parâmetros foram inseridos pelos seguidores de Stokoe.

Figura 5 – **Expressões Faciais**



(<https://br.pinterest.com/explore/express%C3%B5es-faciais/>)

Dessa forma, a LIBRAS possui cinco parâmetros. Tais parâmetros desempenham importantes funções para a sinalização do falante e para a produção do sinal. E o que é o sinal?

O que chamamos de sinal corresponde às palavras das línguas orais. O sinal, que é um signo linguístico, é altamente icônico. A iconicidade é a representação direta da realidade pelos signos. Yule (1985, p. 162) complementa dizendo “(...) um sistema de comunicação visual pode se valer de formas de representação que têm uma base icônica. Os ícones são representações simbólicas que são fisicamente semelhantes aos objetos representados”⁸

⁸ No original: “a visual communication system can avail itself of forms of representation which have an iconic basis. Icons are symbolic representation which are physically similar to the objects represented”

A respeito dos parâmetros nas línguas de sinais, eles são produzidos simultaneamente, dando as LS o caráter alinear, diferentemente das línguas orais que são lineares. Um usuário da LIBRAS, por exemplo, pode produzir dois ou três sinais ao mesmo tempo, enquanto que um falante de língua oral não consegue pronunciar duas palavras simultaneamente. Um usuário da LIBRAS pode sinalizar a frase *Não estou vendo nada* produzindo três sinais ao mesmo tempo. Para uma pessoa de língua oral não é possível pronunciar essa frase em uma única emissão de som.

2.1 Os Verbos em Língua Brasileira de Sinais

Na LIBRAS há três tipos de verbos: os verbos simples (também chamados de verbos sem concordância), os verbos espaciais (também chamados de verbos com concordância) e os verbos manuais (também chamados de verbos classificadores) (QUADROS & KARNOPP, 2004; HONG, 2006). Comentaremos os dois últimos verbos na LIBRAS com a finalidade de apresentá-los, salientando que o nosso desdobramento recairá nos verbos sem concordância o qual será apresentado em seguida.

2.1.1 Os Verbos com Concordância

Os verbos com concordância são verbos que mantêm uma relação de concordância com o sujeito. Portanto, são verbos que possuem flexão de pessoa e número. Em um estudo realizado por Souza e Duarte (2014), esses autores buscam descrever o funcionamento do caso e da concordância nesses tipos de verbos. Sobre esses verbos, os autores colocam que os verbos espaciais - podem ser tratados de duas maneiras: os de concordância regular e os de concordância reversa. Para o primeiro caso, os verbos de concordância regular “o verbo inicia-se na posição em que é marcado o sujeito e move-se para a posição em que é marcado o objeto (...) (ibidem, 2014, p. 343)”, e para o segundo “sua trajetória vai do *locus* do objeto para o *locus* do sujeito. É preciso destacar ainda que não há nenhuma alteração nas funções sintáticas dos argumentos” (ibidem, 2014, p. 343). Meir et al (2006, p. 371), dá a seguinte definição

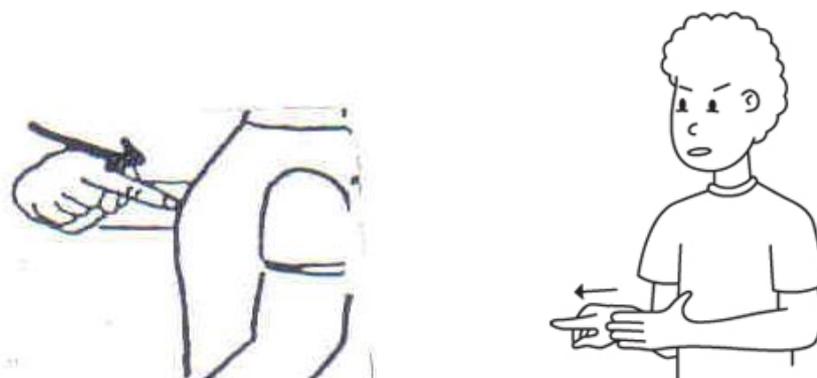
“são verbos que codificam as características de pessoa e número dos seus argumentos sujeito e objetos”⁹.

Um exemplo dessa categoria de verbo é o PERGUNTAR. Quando realizado, esse verbo sofrerá alteração na sua formatação a depender do complemento do verbo. Sendo assim, se tivermos frase uma como *eu pergunto* (EU PERGUNTAR)

(37)



Figura 6 – **Eu Perguntar**



<http://bonsventostrazemboasmudancas.blogspot.com.br/2011/11/atividades-em-libras.html>
(<http://www.ces.org.br/site/vamos-aprender-libras.aspx>)

ou *ele pergunta* (ELE PERGUNTAR)

⁹ No original: “agreement verbs are those verbs which encode person and number features of their subject and (indirect) object arguments.”

¹⁰ Dentre os sistemas de escritas disponíveis para as línguas de sinais, acreditamos que o signwriting é o que melhor representa as peculiaridades da modalidade de língua principalemnte no que diz respeito a representação dos cinco parâmetros. Para maiores informações acessar: <http://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=12&sgn=46>

(38)



a forma como o verbo é realizado é a mesma. Observe que a mão ativa – a mão que faz o movimento () – parte do peito para frente.

Figura 7 - **Perguntar**

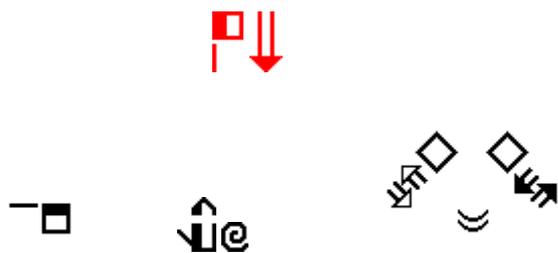


(<http://www.ces.org.br/site/vamos-aprender-libras.aspx>)

Assim o ponto de partida parte do peito. O dedo indicador aponta para frente. Mas se tivermos os complementos desse verbo a sua trajetória¹¹ pode ser alterada, isto é, seu movimento é alterado. Uma sentença do tipo *ele me pergunta sobre o carro* (ELE PERGUNTAR EU CARRO) o ponto de partida será modificado.

¹¹ A trajetória diz respeito apenas ao caminho que o movimento percorre no espaço. É um movimento imprescindível para a realização do sinal.

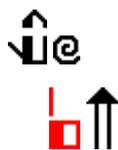
(39)



Note que agora o dedo indicador () aponta para o peito do sinalizante.

Esse verbo permite que seus complementos sejam foneticamente não-realizados, ou seja, o caminho percorrido pelo movimento do sinal permite inferir seu sujeito e seu objeto, como na sentença (40). Ao sinalizante também é permitido estabelecer um local no espaço se os seus referentes estiverem ausentes numa dada situação de comunicação.

(39) EU PERGUNTAR ELE – *Eu pergunto a ele.* (com o “eu” e o “ele” não-realizados)



O ponto de partida indica o sujeito e o ponto de chegada indica o objeto. Outra característica desse verbo está no fato de que o seu movimento será alterado caso o objeto seja “eles”.

(40) EU PERGUNTAR ELES – *Eu perguntei a eles* (com o “eles” não-realizado)

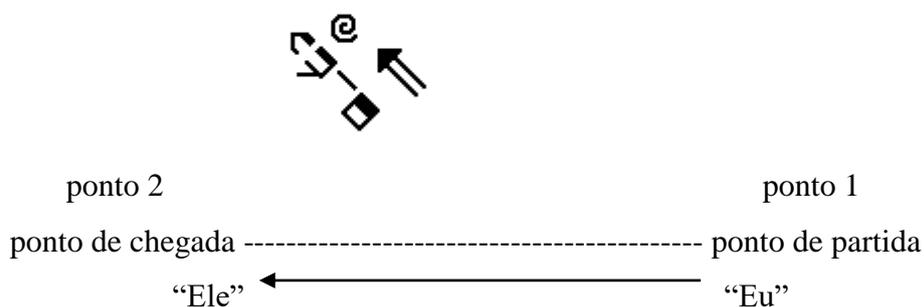


O sinal irá sofrer adaptações em sua produção para se adequar ao objeto, no entanto é no objeto que reside a ideia de plural e não no verbo. Nessa sentença, é possível também a não-realização do “eu”, como já dissemos anteriormente. Fica a critério do falante realizá-lo ou não.

Retomando ao que falamos antes sobre a possibilidade de se estabelecer um ponto no espaço para o “ele”, quando este estiver ausente, o falante dispõe de espaços a sua esquerda ou a sua direita para marca-lo.

(41) EU PERGUNTAR ELE – *Eu pergunto a ele*

(espaço estabelecido para “ele” foi a esquerda do sinalizante)



Note que na sinalização, não foi necessário inserir os sinais para “eu” e “ele”.

Figura 8 – Perguntar 2

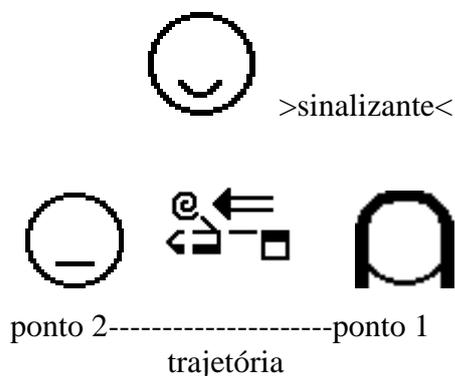


(<http://www.ces.org.br/site/vamos-aprender-libras.aspx>)

Observe que o sinalizante não precisa apontar para si, para marcar o “eu”, nem precisa apontar para frente, após produzir o sinal de perguntar, para marcar o “ele”.

(42) ELE PERGUNTAR ELA. *Ele pergunta para ela*

(o “ele” está a direita do sinalizante e o “ela” está à esquerda do sinalizante)



Como se observa, a diferença repousa no ponto de articulação. Este é dependente do sujeito e do complemento do verbo. Os pontos, como vimos são pré-estabelecido e não aleatório. O local de chegada é o local do objeto do verbo. O verbo PERGUNTAR segue uma trajetória no espaço que se inicia na pessoa que fala (na perspectiva do sinalizante) e finaliza na pessoa com quem ou de quem se fala. Esse caminho percorrido pelo verbo permite não realizar os sinais referentes a *eu*, *tu* e *ele*. Esse segundo ponto de articulação (o local de chegada do verbo) é tido como um afixo locativo. Portanto, verbos desse tipo possuem dois pontos de articulação. Um outro verbo interessante de se observar é o verbo DIZER.

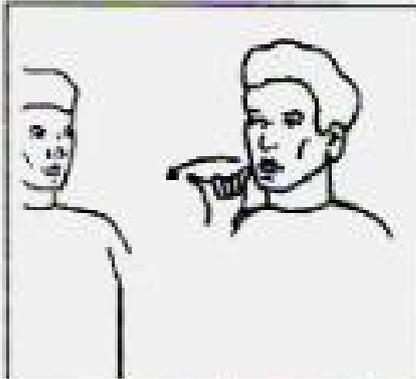
Seu ponto de partida é a boca do sinalizante e o ponto de chegada é a pessoa com quem se diz alguma coisa. Para a frase EU DIZER VOCÊ (Eu disse para você.) o verbo percorrerá a trajetória do falante até o seu interlocutor ou a 3º pessoa do discurso. Assim como no verbo perguntar, sua trajetória está condicionada ao local em que se encontra o seu interlocutor. Caso a pessoa de quem se fala estiver ausente, o sinalizante estabelecerá um local para o ponto de chegada do verbo. Essa é uma característica dos verbos com concordância.

(43)



(*Eu digo para você com o “eu” e o “você” não realizados*)

Figura 9 - Dizer



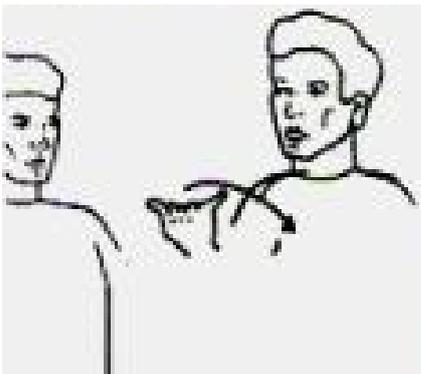
(<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABJMCAJ/curso-libras?part=3>)

(44)



(*Você me diz com o “você” e o “me” apagados*)

Figura 10 – me disse



(<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABJMCAJ/curso-libras?part=3>)

Assim como o verbo perguntar, o verbo dizer muda a sua CM e seu movimento. Neste último, o verbo parte do *você* e finaliza no *me*. Essa tipologia verbal é diferente da verificada na da próxima classe verbal pelo fato dos verbos espaciais não incorporarem seus objetos.

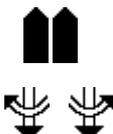
2.1.2 Os Verbos Manuais

Os verbos manuais ou verbos classificadores são uma categoria de verbo que tem chamado a atenção dos pesquisadores no que diz respeito aos critérios que definem esses verbos como tal. Diante de vários questionamentos Ferreira & Naves (2014) levantam a problemática do processo de formação de verbos classificados como de incorporação a fim de saber se esses verbos são realmente formados por incorporação ou seriam formados por derivação. Outros autores também têm tratado do assunto como Veloso (2010), Ferreira (2013) e Brito (2010).

De forma geral, tem-se visto que os verbos manuais são verbos que incorporam o seu objeto (instrumento). Ao incorporá-lo, a configuração de mão selecionada é a do objeto. Uma vez incorporado, não há como separar o verbo do objeto. Para Quadros & Karnopp (2004, p. 205) “... os verbos manuais poderiam incluir os classificadores que incorporam a informação verbal da sentença, pois também incorporam o objeto quando este é o caso”.

O verbo ABRIR é um verbo manual. Na frase, *Paulo abre a porta* (PAULO ABRIR-PORTA), o constituinte *abriu a porta* é produzido com um único sinal.

P-A-U-LO



Observe que em um único sinal () estão imbutidos tanto o verbo *abrir* quanto o seu complemento a *porta*, sendo impossível dissociá-los ou realizá-los separadamente. Do contrário, *Paulo fecha a porta*, teríamos o mesmo aspecto: a incorporação do argumento; a diferença estaria no movimento que seria realizado ao contrário. Se o complemento desse fosse *gaveta*, *Eu abro a gaveta*, teríamos uma mudança na configuração de mão motivada pela mudança de objeto.



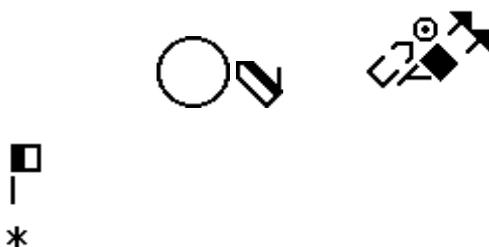
Como se observa, os verbos dessa categoria têm a característica de incorporar seus complementos, característica essa não compartilhada com nenhuma das duas outras classes verbais.

2.2 A Dinâmica dos Verbo Simples (*Plain Verbs*)

2.2.1 Os Verbos Simples e sua definição

Os verbos sem concordância, também conhecidos por verbos simples (*plain verbs*), são verbos que não possuem flexão para pessoa e número (KEGL, 1990; QUADROS, 1999; SUTTON-SPENCER & WOLL, 1998), podem ter afixos locativos e não apresentam morfologia de concordância (MEIER ET AL, 2006). Não há nenhum movimento ou orientação associada aos *loci* de seus argumentos” (SOUZA & DUARTE, 2014, P. 343). Caudrelier (2014, p. 18) também descreve esse tipo de verbo em língua de sinais britânica (BSL) quando diz “Verbo simples: Um sinal verbal que não pode ser movido fisicamente no espaço. Esses verbos são geralmente ancorados no corpo.”¹²

(45) EU SABER ESCREVER – *Eu sei escrever*



Observe que o sinal de SABER é produzido independente de seus argumentos. Não há nenhuma relação de concordância¹³ entre o verbo e seus argumentos assim

¹² No original: “Plain Verb: A verbal sign which cannot be physically moved about in space. These verbs are usually body anchored.”

¹³ Essa questão da concordância em línguas de sinais ainda é pouco explorada. Aqui assumimos com os demais pesquisadores consultados para essa pesquisa de que a concordância em língua de sinais está relacionada a aspectos de número e de pessoa.

como ocorre com os outros verbos. Não há nenhuma alteração em seus parâmetros¹⁴ caso haja alguma alteração em seus argumentos.

2.3 Os Verbos Simples e a Ordem da Sentença

Pesquisas realizadas em diversas línguas de sinais buscam descrever qual a ordem sintática mais saliente quando se observam os argumentos nestas línguas. As pesquisas têm demonstrado que a ordem básica das línguas de sinais é sujeito-verbo-objeto (SVO) (NAPOLI & SUTTON-SPENCER, 2014; MASSONE & CURRIEL, 2004; FISCHER, 2014; DE LANGHE ET AL (2003); FUJI (2007) e QUADROS & QUER (2006). Além de evidenciarem que a ordem comum entre as línguas de sinais é a SVO, outras ordenações também foram identificadas – SOV, OSV, OVS, VSO e VOS.

Quadros (2006), baseando-se nos trabalhos de Greenberg (1966), coloca que certas ordens sintáticas são mais comuns que outras e que essa variação depende da língua haja vista que cada língua tem sua ordem mais dominante como a ordem básica. O Projeto Língua de Sinais da Nicarágua (Nicaraguan Sign Language Projects, Inc.) numa iniciativa pioneira de descrição dessa língua, coloca que sentenças SVO são comuns com verbos simples, no entanto, sentenças OSV são mais proeminentes com verbos com concordância.

Dessa forma, argumentamos a favor de que há grupos de línguas de sinais que são mais SVO, enquanto que outras são mais OVS. Podemos pensar então que a LIBRAS, a ASL e a HKSL (Hong Kong Sign Language) são línguas de padrão SVO enquanto que a DGS (German Sign Language), ISL (Italian Sign Language) e a JSL (Japanese Sign Language) são línguas de padrão SOV. Diante desses dados, podemos deduzir que existe uma certa flexibilidade sintática nas línguas de sinais (FISCHER, 2014).

Outro fato relevante nos estudos sobre a ordenação sintática é o ponto de partida: o verbo. Muitos estudos descrevem a ordenação sintática com base nos três tipos de verbos (verbos simples, verbos espaciais e verbos manuais) os quais estão presentes na grande maioria das línguas de sinais estudadas até então. Dentre esses três verbos, o verbo simples é o que tem despertado pouco interesse, diferentemente das

¹⁴ A noção de parâmetro nada tem haver com o conceito de Parâmetro da Gramática Gerativa.

outras duas classes (VALLI & LUCAS, 2001; QUADROS, 1999; SUTTON-SPENCER & WOLL, 1998, MEIER ET AL, 2006; NEIDEL ET AL, 2000).

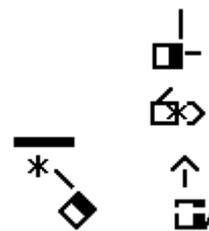
É interessante destacar que os verbos simples têm comportamento sintático diferente de uma língua de sinais para outra, como bem coloca Tai (2008, p. 26) “Por exemplo, o AMOR na TSL é um verbo de acordo, enquanto que é um verbo simples em inglês; LIKE em TSL é um verbo simples, enquanto é um verbo de acordo em inglês”¹⁵. Sobre essas categorias verbais, Tai (2008) propõe que o critério de classificação não é baseado na relação semântica, mas na ancoragem, isto é, se o verbo é ou não ancorado no corpo.

Não são muitos os estudos que descrevem o comportamento dos verbos simples, no entanto, os estudos realizados por diversos linguístas ao redor do mundo atestam a sua produtividade no que diz respeito à ordenação da sentença desencadeada por esses verbos.

Antes de discutirmos a ordem sintática em sentenças com verbos simples, iremos apresentar, de forma sumária, a realização de um verbo dessa categoria. Em LIBRAS, COMPRAR, ESCREVER, ESTUDAR, GOSTAR, AMAR, CONVERSAR, LEMBRAR são exemplos de verbos simples, ou seja, são verbos que realizados sem concordância. Utilizaremos o verbo COMPRAR para apresentar a realização de um verbo simples.

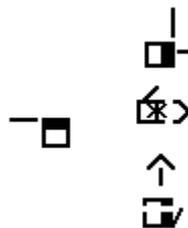
Produzindo o sinal do verbo comprar, ele não apresentará marcas para as

peças do discurso. Ao sinalizar *eu compro* (EU COMPRAR)



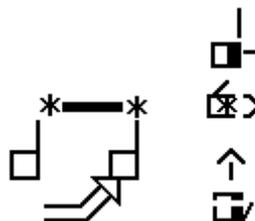
¹⁵ No original: “for instance, LOVE in TSL is an agreement verb, while it is a plain verb in English; LIKE in TSL is a plain verb, while it is an agreement verb in English”.

ou *ele compra* (ELE COMPRAR)



. No entanto, se for

sinalizado *nós compramos* (NÓS COMPRAR),



a marcação do

plural é realizada com o uso dos pronomes *nós*, *vocês* e *eles*, característica dos verbos simples. O verbo não carrega a marca para o plural. Independente de quem seja o sujeito, o verbo permanece o mesmo. É apenas no sujeito que se marca o singular e o plural.

2.4 A (Re)Ordenação da Sentença com Verbos Simples

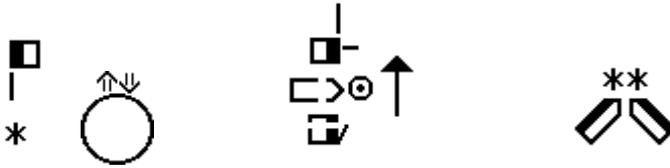
2.4.1 SVO

A ordem da sentença em línguas de sinais tem despertado o interesse de muitos sintaticistas seja em busca de padrões de regularidades seja para verificar o que há de diferenças e o que licencia essa ordem. Ao todo, cerca de 42 (quarenta e duas) línguas de sinais já foram algum objeto de estudo em nível sintático (SUTTON-SPENCER & WOLL, 1998).

Em LIBRAS, Brito (2010) faz uma das primeiras descrições da ordem sintática para a SVO, descrevendo os tipos de frases e os parâmetros envolvidos na sua produção. É a partir dessa sequência sintática que iniciamos esta secção.

(46)

EU COMPRAR CASA

(Eu compoí uma casa)

(47)

P-A-U-L-O LER LIVRO

(Paulo lê o livro)

(48)

M-A-R-I-A AMAR J-O-A-O

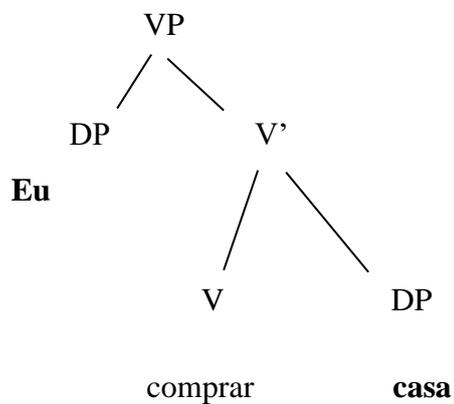
(Maria ama o João)

Os verbos em (46), (47) e (48) s-selecionam (seleção semântica) argumentos, atribuindo-lhes papéis temáticos. Para as duas primeiras sentenças temos os sujeitos como “agente” e os objetos como “tema” e para a último temos o sujeito como “experienciador” e o objeto como “paciente”. Como a seleção semântica foi respeitada, não poderíamos ter algo do tipo *A pedra compra uma casa* pois o verbo comprar exige que o seu argumento externo compartilhe traços semânticos compatíveis com a ação de comprar.

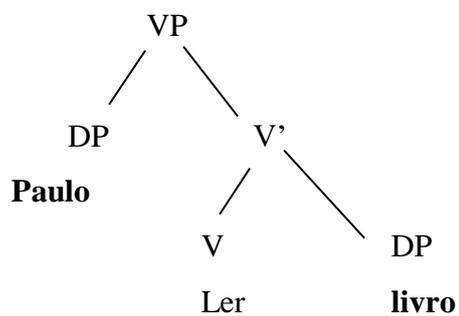
Sobre a sua seleção semântica – grade temática de um predicador - desses verbos pedem 2 (dois) argumentos, todos sendo um DP, que é um constituinte que tem

como núcleo um determinante D e como seu complemento um nome N, (*casa*, *livro* e *João*) conforme as árvores abaixo.

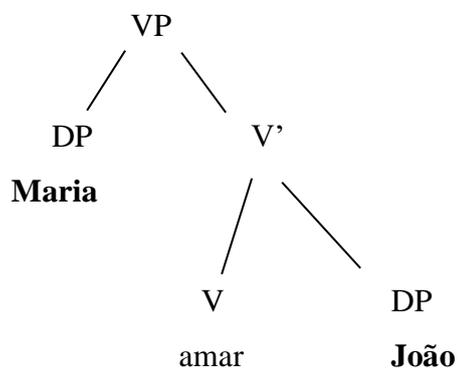
(49)



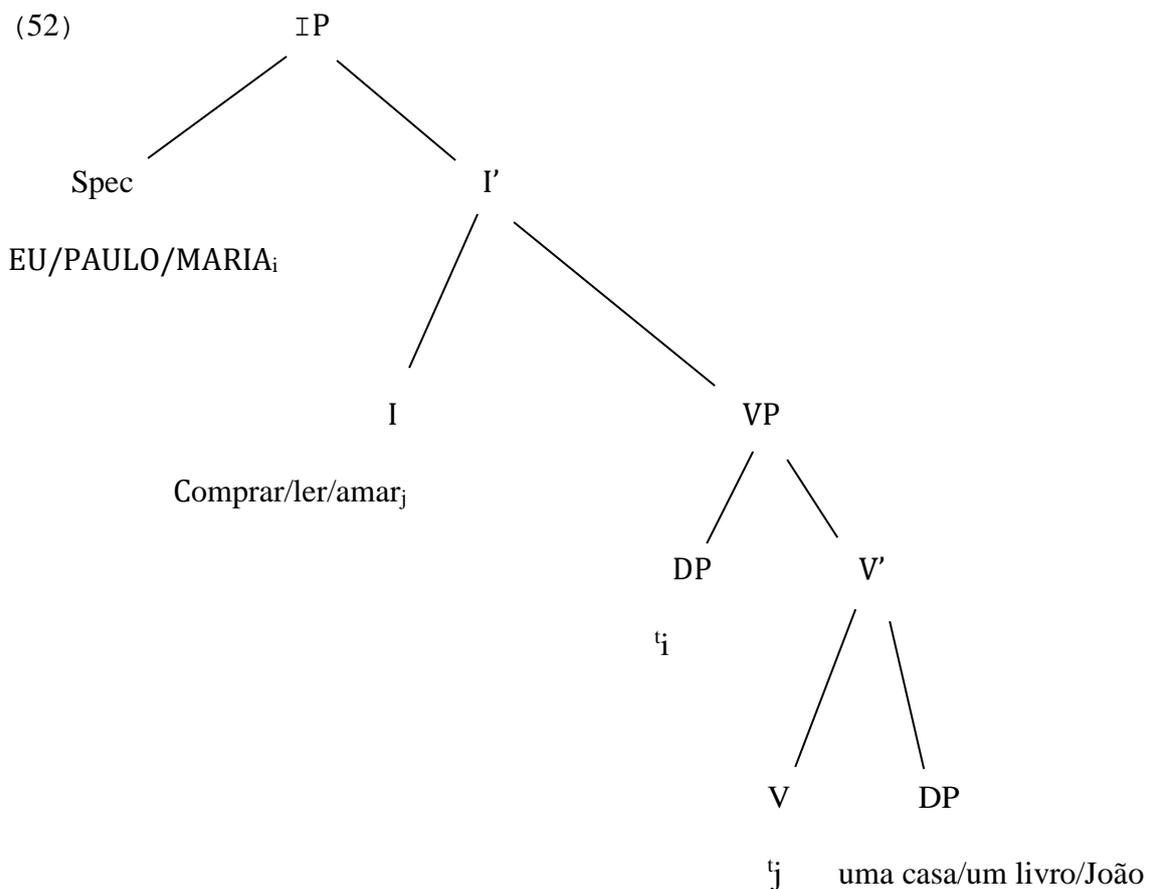
(50)



(51)



Tomando a realização dessas frases em LIBRAS com os verbos flexionados, teremos então as seguintes árvores.



Para a realização dessas sentenças, Quadros (1999, p. 58) diz que essas construções “são muito naturais em LSB e os exemplos usados nessa ordem são considerados gramaticais.”¹⁶. Assim, toda e qualquer construção sintática de ordem SVO são gramaticais em LIBRAS.

Tal fato também é observado em Língua de Sinais Britânica (BSL) na qual a sinalização para THINK-HARD é feita com uma expressão facial contraída enquanto que para a sinalização de RIDE-A-BICYCLE-CASUALY a expressão facial é mais relaxada. Como em LIBRAS, em BSL o verbo não possui uma trajetória no espaço (SUTTON-SPENCER & WOLL, 1998).

¹⁶ No original: “are very natural in LSB and examples using this order are always considered grammatical.”

2.4.2 SOV e OSV

Sentenças de seqüências como SOV e OSV são consideradas gramaticais e derivadas de SVO. No entanto, a seqüência SOV em (55) é tida como ambígua.

(53)

EU CASA COMPRAR
(*Eu, uma casa, compro*)



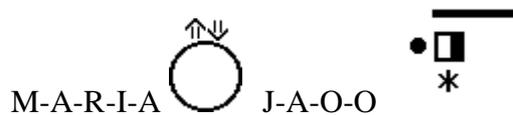
(54)

P-A-U-L-O LIVRO LER
(*Paulo, um livro, lê*)



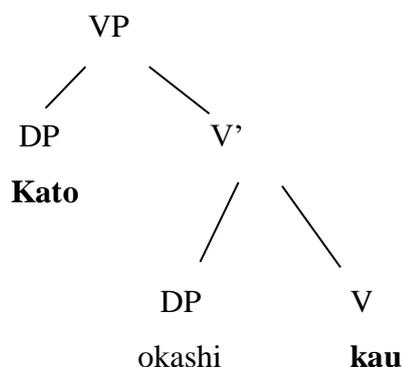
(55)

M-A-R-I-A J-O-A-O AMAR
(*Maria, o João, ama*)



Nas sentenças (53), (54) e (55), manteve-se o sujeito em posição inicial havendo apenas o movimento do objeto do final da sentença para a posição após o sujeito. Esse tipo de construção nos remete a estrutura do japonês e do turco no qual o argumento interno do predicado é realizado à esquerda do verbo (PRIA, 2006).

(56)



(exemplo extraído de Mioto et al, 2007, p. 49)

Essas três sentenças (53), (54) e (55) podemos perceber as suas grades temáticas e argumentais. Na frase (53), o verbo comprar seleciona dois argumentos. A *eu* é atribuído papel temático de agente e a *casa* papel temático de alvo. Da mesma forma ocorre com o verbo ler (54). Esse verbo requer dois argumentos. *Paulo* recebe papel temático de agente enquanto que *livro* recebe papel temático de alvo. No entanto, a frase (43) tem um resultado diferente das demais. A frase (55) é ambígua pois não é possível estabelecer uma única interpretação para os papéis argumentais em uma sentença SOV com o verbo amar.

Quadros (1999) e Sandler & Lillo-Martin (2006), citando Fischer (1975), salientam que para a estrutura com verbos como amar os argumentos *Maria* e *João* concorrem para a posição de sujeito. Isso porque *Maria* e *João* possuem traços semânticos compatíveis o que resulta na não marcação temática. Quando nas sentenças que possuem verbos do tipo *amar* e seus argumentos tiverem traços semânticos compatíveis, o verbo, em LIBRAS, não consegue atribuir papel temático. Para esse tipo de caso, os autores dizem que os argumentos são *reversíveis*.

Assim, se na frase *Maria amar João*, nós permutássemos *João* por *maça*, haveria a possibilidade de reordenação sintática para *Maria maçã amar* pois *Maria* e *maçã* possuem traços semânticos distintos. Entretanto, se permutássemos *João* por *Carlos* a impossibilidade de reordenação persistiria já que *João* e *Carlos* são argumentos reversíveis.

2.5 Topicalização

A topicalização tem sido alvo de estudos de linguísta a fim de buscar descrever qual é o seu papel na derivação sintática. Alguns linguístas assumem que a estrutura iniciada por um item topicalizado é derivada da sequência mais básica SVO na qual um constituinte é movido para uma posição inicial (*S-Initial*) (QUADROS, 1999; SUTTON-SPENCER & WOLL, 1998); MASSONE & CURIEL (2014)).

Em LIBRAS, o processo de topicalização requer o uso de marcadores não-manuais, ou seja, de expressões faciais. As expressões faciais têm caráter primordial para o entendimento da sentença. Uma de suas funções é marcar o tópico.

Quadros (1999), citando os trabalhos de Fischer (1973), Petronio (1993), Liddell (1980:84), expõe que o processo de topicalização, visto tanto em ASL quanto em LIBRAS, pode ser dado ao objeto <O>SV, ao verbo <V>SO, ao próprio sujeito <S>VO e a localização. Quando movido o tópico, este recebe uma marcador não-manual o qual não pode ser distribuído para nenhum outro componente da sentença. Observe a sentença a seguir.

(57)

J-O-Ã-O M-A-R-I-A AMAR

(O João, a Maria, ama)

JOÃO  MARIA 

MARIA componente topicalizado em LIBRAS, ao ser sinalizado, é acompanhado por um ligeiro movimento de cabeça e com os olhos dilatados. Esse padrão não se repete para os demais componentes da sentença. Isso não quer dizer que as expressões faciais não sejam mais produzidas, pelo contrário, as expressões permanecem por toda a sentença.

A topicalização é uma estratégia utilizada pelo falante para alterar a ordem da sentença. Assim como ocorre com as línguas orais, as línguas de sinais também evidenciam o processo de topicalização. Em língua de sinais espanhola, Lopes et al (2010), analisam as possibilidades de ocorrência de topicalização. Segundo os autores, “Las conclusiones del estudio indican que en la oración son posibles los tres órdenes siguientes: SOV, SVO y topicalización del objeto. La estructura de tópico se presenta como un elemento externalizado en el inicio de la oración y con un valor gramaticalizado” (ibidem). Nessa língua a única possibilidade de levar um componente sintático para a posição de tópico é do objeto. Essa característica atestada na língua de sinais espanhola também é possível em LIBRAS como nos mostra o exemplo (57) no qual objeto encontra-se topicalizado. Conforme dissemos no início da secção, em LIBRAS é possível topicalizar o sujeito, o verbo e o objeto.

3. METODOLOGIA

3.1 Caracterização

Os dados que formam esta pesquisa são provenientes dos registros dos teste de Julgamento de Aceitabilidade aos quais os informantes foram submetidos. Para a análise das construções sintáticas, levamos em consideração dois testes: (i) testes de aceitabilidade e (ii) testes de produções e compreensão. Os testes foram realizados em um único dia para cada surdo, um teste após o outro cointervalo de uma hora. Para toda a coleta de dados foram consideradas apenas as sentenças que possuíam verbos simples em orações declarativas. Em todas as sentenças utilizadas, os verbos eram biargumentais saturados (FAZER, ABRAÇAR, GOSTAR, CONVERSAR, LEMBAR, AMAR, ESQUECER e ESTUDAR)¹⁷. Os verbos utilizados são de dois tipos semânticos: de ação e de afeto (causa e experiência do evento, respectivamente), conforme exemplos abaixo.

(58)

EU COMER MAÇÃ
(*Eu como maçã*)



(59)

J-O-R-G-E TEMER MORTE
(*Jorge teme a morte*)



¹⁷ Não houve nenhuma motivação em especial pela escolha desses verbos.

3.2 Os Informantes

Nossos informantes foram cinco surdos adultos, sinalizantes nativos em LIBRAS e com surdez severa. Nas duas etapas dos testes, todos os surdos participaram de forma individual, isto é, um surdo não via as produções dos outros surdos.

Eram surdos maiores de 18 (dezoito) anos, sendo 3 (três) homens e 2 (duas) mulheres. Destes, 4 (quatro) são professores de LIBRAS com formação superior e 1 (uma) é professora de LIBRAS com formação técnica.

O processo de aquisição de língua brasileira de sinais se deu em âmbito extrafamiliar e a partir dos 4 (quatro) anos de idade, com exceção de um deles o qual teve seu contato com a LIBRAS aos 25 (vinte e cinco) anos de idade. Em todos os casos, a localidade do processo de aquisição se deu na região metropolitana de Maceió.

Os três homens tiveram toda a sua vida escolar cursada em sala de aula inclusiva. As duas mulheres estudaram até a 5ª série em sala de aula especial e a partir da série seguinte, elas migraram para as salas de aulas inclusivas. Nenhum deles usa aparelho auditivo (alegam dores de cabeça) ou implante coclear (são contra a adoção do ouvido biônico).

3.3 Os Instrumentos

A construção do *corpus* se deu através de dois testes. O primeiro o Julgamento de Aceitabilidade e o segundo de Produção e Compreensão das sentenças. No teste 1, os surdos julgaram pares de frases, a saber: MARCOS FAZER BOLO, MARCOS BOLO FAZER; MARIA ABRAÇAR JOÃO, MARIA JOÃO ABRAÇAR; MARIA GOSTAR PEDRO, MARIA PEDRO GOSTAR; JOSÉ CONVERSAR MARIA, JOSÉ MARIA CONVERSAR.

3.3.1 Teste de Aceitabilidade

O teste de Julgamento de Aceitabilidade era individual (um surdo não tinha acesso às respostas do outro) e se deu da seguinte maneira: as sentenças estavam dentro de uma urna e cada surdo retirava-as aleatoriamente de dentro. Os papéis contendo as sentenças possuíam sentenças duplas, na ordem SVO e SOV. O papel contendo a

sentença era entregue ao pesquisador que as sinalizava por duas vezes (SVO 2x e SOV 2x). Após sinalizar as sentenças, o pesquisador perguntava se a sentença era aceitável/boa ou não e bastava para o informante responder boa ou não.

Quadro 1 – Informante 1

	MARCOS FAZER BOLO	MARCOS BOLO FAZER
Surdo 1	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA ABRAÇAR JOÃO	MARIA JOÃO ABRAÇAR
Surdo 1	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA GOSTAR PEDRO	MARIA PEDRO GOSTAR
Surdo 1	<i>Boa</i>	???

	JOSÉ CONVERSAR MARIA	JOSÉ MARIA CONVERSAR
Surdo 1	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

Resultados:

Para o primeiro bloco com sentença com argumentos não-reversíveis, o informante não teve problemas em responder a aceitabilidade da sentença, o que já era esperado. No segundo bloco, o informante declarou serem boas as frases apesar de na ordem SOV possuir argumentos reversíveis. No terceiro bloco, o informante franziu o rosto e fez um movimento de inclinação de cabeça. Esse gesto foi interpretado como dúvida e logo em seguida, o informante não soube dizer se a sentença MARIA PEDRO GOSTAR era uma frase boa. O informante acusou ter dúvidas. Os sinais de interrogação indicam a dúvida. Para o quarto e último bloco, o informante disse serem boas ambas as sentenças.

O que nos chamou a nossa atenção foi o fato do informante ter reações diferentes para as frases MARIA JOÃO ABRAÇAR x MARIA PEDRO GOSTAR

x JOSÉ MARIA CONVERSAR sendo que estas possuem argumentos reversíveis. Era esperado que ele tivesse o mesmo comportamento para elas, o que para nossa surpresa não o foi. Depois iniciamos com o segundo informante.

Quadro 2 – Informante 2

	MARCOS FAZER BOLO	MARCOS BOLO FAZER
Surdo 2	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA ABRAÇAR JOÃO	MARIA JOÃO ABRAÇAR
Surdo 2	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA GOSTAR PEDRO	MARIA PEDRO GOSTAR
Surdo 2	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	JOSÉ CONVERSAR MARIA	JOSÉ MARIA CONVERSAR
Surdo 2	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

Resultados:

Diferentemente do primeiro informante, o segundo informante acusou todas as sentenças como boas. Isso nos leva a pensar no caráter ambíguo das sentenças. Partimos para o terceiro informante.

Quadro 3 – Informante 3

	MARCOS FAZER BOLO	MARCOS BOLO FAZER
Surdo 3	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA ABRAÇAR JOÃO	MARIA JOÃO ABRAÇAR
Surdo 3	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA GOSTAR PEDRO	MARIA PEDRO GOSTAR
Surdo 3	<i>Boa</i>	???

	JOSÉ CONVERSAR MARIA	JOSÉ MARIA CONVERSAR
Surdo 3	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

Resultados:

O informante 3, teve o mesmo comportamento do informante 1. Recaiu o mesmo questionamento o qual foi dito que o entendimento da sentença era exclusivamente do informante. Esse questionamento é decorrente da ambiguidade da sentença: é Maria que gosta do Pedro ou é Pedro que gosta da Maria.

Quadro 4 – Informante 4

	MARCOS FAZER BOLO	MARCOS BOLO FAZER
Surdo 4	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA ABRAÇAR JOÃO	MARIA JOÃO ABRAÇAR
Surdo 4	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA GOSTAR PEDRO	MARIA PEDRO GOSTAR
Surdo 4	<i>Boa</i>	???

	JOSÉ CONVERSAR MARIA	JOSÉ MARIA CONVERSAR
Surdo 4	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

Resultados:

O comportamento do informante quatro transcorreu tranquilamente e com resultados semelhantes a do informante 1. Mais uma vez nos perguntamos: porque a sentença em

SOV MARIA JOÃO ABRAÇAR foi boa e a sentença MARIA PEDRO GOSTAR não, se aparentemente elas são parecidas.

Quadro 5 – Informante 5

	MARCOS FAZER BOLO	MARCOS BOLO FAZER
Surdo 5	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA ABRAÇAR JOÃO	MARIA JOÃO ABRAÇAR
Surdo 5	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

	MARIA GOSTAR PEDRO	MARIA PEDRO GOSTAR
Surdo 5	<i>Boa</i>	???

	JOSÉ CONVERSAR MARIA	JOSÉ MARIA CONVERSA
Surdo 5	<i>Boa</i>	<i>Boa</i>

Resultados:

Observamos que se repete a aceitabilidade para MARIA JOÃO ABRAÇAR e a não aceitabilidade para MARIA PEDRO GOSTAR.

Resultado Final

Há uma aceitabilidade maior para MARIA JOÃO ABRAÇAR e JOSÉ MARIA CONVERSA e uma não aceitabilidade para MARIA PEDRO GOSTAR.

3.3.2 Testes de Produção e Compreensão

Neste teste, as sentenças estavam escritas em português (glosas) e depositadas em uma urna. O surdo retirava-as aleatoriamente de dentro e as produzia. Em seguida, o

pesquisador perguntava qual a interpretação dos argumentos, ou seja, que papéis temáticos eram atribuídos aos argumentos. As sentenças estavam dispostas na sequência SOV e OSV. Visando contrapor com as respostas dos surdos, as sentenças utilizadas nesse teste já estavam com os constituintes previamente topicalizados, sinalizados por < >.

Quadro 6 – Informante 1 – Papel Temático

	MARIA FILME LEMBRAR	HISTORIA PAULA LEMBRAR
Surdo 1	<i>Experienciador:</i> Maria <i>Tema:</i> Filme	<i>Experienciador:</i> Paula <i>Tema:</i> História

Quadro 7 - Informante 1 – Papel Temático

	ELE EU AMAR	CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR
Surdo 1	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ??	<i>Experienciador:</i> Minha mãe <i>Tema:</i> Chocolate

Quadro 8 – Informante 1 – Papel Temático

	ALUNO BOLSA ESQUECER	VOCE EU ESQUECER
Surdo 1	<i>Experienciador:</i> Aluno <i>Tema:</i> Bolsa	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ???

Quadro 9 - Informante 1 – Papel Temático

	JOSE MATEMATICA ESTUDAR	EU PÁSSAROS ESTUDAR
Surdo 1	<i>Agente:</i> José <i>Alvo:</i> Matemática	<i>Agente:</i> Eu <i>Alvo:</i> Pássaros

Quadro 10 – Informante 2 – Papel Temático

	MARIA FILME	HISTORIA PAULA
--	-------------	----------------

	LEMBRAR	LEMBRAR
Surdo 2	<i>Experienciador:</i> Maria <i>Tema:</i> Filme	<i>Experienciador e:</i> Paula <i>Tema:</i> História

Quadro 11 – Informante 2 – Papel Temático

	MARIA MORANGO AMAR	CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR
Surdo 2	<i>Experienciador:</i> Maria <i>Tema:</i> Morango	<i>Experienciador:</i> Minha mãe <i>Tema:</i> Chocolate

Quadro 12 – Informante 2 – Papel Temático

	MARIA CRIANÇAS ESTUDAR	ASTRONOMIA MEU PRIMO ESTUDAR
Surdo 2	<i>Agente:</i> Maria <i>Alvo:</i> Crianças	<i>Agente:</i> Meu primo <i>Alvo:</i> Astronomia

Quadro 13 – Informante 3 – Papel Temático

	FILME MARIA LEMBRAR	HISTORIA PAULA LEMBRAR
Surdo 3	<i>Experienciador:</i> Maria <i>Tema:</i> Filme	<i>Experienciador:</i> Paula <i>Tema:</i> História

Quadro 14 – Informante 3 – Papel Temático

	ELE EU AMAR	CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR
Surdo 3	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ???	<i>Experienciador:</i> Minha mãe <i>Tema:</i> Chocolate

Quadro 15 - Informante 3 – Papel Temático

	ALUNO BOLSA ESQUECER	VOCE EU ESQUECER
Surdo 3	<i>Experienciador: Aluno</i> <i>Tema: Bolsa</i>	<i>Experienciador: ??? Tema: ???</i>

Quadro 16 - Informante 3 – Papel Temático

	EU PASSAROS ESTUDAR	MARIA CRIANÇAS ESTUDAR
Surdo 3	<i>Agente: Eu Alvo: Pássaros</i>	<i>Agente: Maria Alvo: Crianças</i>

Quadro 17 - Informante 4 – Papel Temático

	MARIA FILME LEMBRAR	HISTORIA PAULA LEMBRAR
Surdo 4	<i>Experienciador: Maria</i> <i>Tema: Filme</i>	<i>Experienciador: Paula</i> <i>Tema: História</i>

Quadro 18 - Informante 4 – Papel Temático

	MARIA MORANGO AMAR	CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR
Surdo 4	<i>Experienciador: Maria</i> <i>Tema: Morango</i>	<i>Experienciador: Minha mãe</i> <i>Tema: Chocolate</i>

Quadro 19 - Informante 4 – Papel Temático

	ALUNO BOLSA ESQUECER	VOCE EU ESQUECER
Surdo 4	<i>Experienciador: Aluno</i> <i>Tema: Bolsa</i>	<i>Experienciador: ??? Tema: ???</i>

Quadro 20 - Informante 4 – Papel Temático

	JOSE MATEMATICA ESTUDAR	MARIA CRIANÇAS ESTUDAR
Surdo 4	<i>Agente:</i> José <i>Alvo:</i> Matemática	<i>Agente:</i> Maria <i>Alvo:</i> Crianças

Quadro 21 - Informante 4 – Papel Temático

	PAULA HISTORIA LEMBAR	FILME MARIA LEMBRAR
Surdo 5	<i>Experienciador:</i> Paula <i>Tema:</i> História	<i>Experienciador:</i> Maria <i>Tema:</i> Filme

Quadro 22 - Informante 5 – Papel Temático

	ELE EU AMAR	CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR
Surdo 5	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ???	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ???

Quadro 23 - Informante 5 – Papel Temático

	ALUNO BOLSA ESQUECER	VOCE EU ESQUECER
Surdo 5	<i>Experienciador:</i> Aluno <i>Tema:</i> Bolsa	<i>Experienciador:</i> ??? <i>Tema:</i> ???

Quadro 24 - Informante 5 – Papel Temático

	EU PASSAROS ESTUDAR	MARIA CRIANÇAS ESTUDAR
Surdo 5	<i>Agente:</i> Eu <i>Alvo:</i> Pássaros	<i>Agente:</i> Maria <i>Alvo:</i> Crianças

Sumário dos Resultados

Quadro 25 - Resultados

SENTENÇA	SEQUÊNCIA	ITEM TOPIC. COM EXP FACIAL	IDENTIFICAÇÃO DOS ARGUMENTOS
MARIA FILME LEMBRAR	SOV	<S>OV	SIM
HISTORIA PAULA LEMBRAR	OSV	<O>SV	SIM
ELE EU AMAR	SOV	<S>OV	NÃO
CHOCOLATE MINHA MÃE AMAR	OSV	<O>SV	SIM
ALUNO BOLSA ESQUECER	SOV	<S>OV	SIM
VOCÊ EU ESQUECER	SOV	<S>OV	NÃO
JOSÉ MATEMÁTICA ESTUDAR	SOV	S<O>V	NÃO
EU PÁSSAROS ESTUDAR	SOV	S<O>V	SIM
MARIA MORANGO AMAR	SOV	<S>OV	SIM

CHUPETA CRIANÇA ESQUECER	OSV	<O>SV	SIM
PAULO DINHEIRO ESQUECER	SOV	<S>OV	SIM
MARIA CRIANÇA ESTUDAR	SOV	<S>OV	SIM
ASTRONOMIA MEU PRIMO ESTUDAR	OSV	<O>SV	SIM
FILME MARIA LEMBRAR	OSV	<O>SV	SIM
PAULO HISTORIA LEMBRAR	SOV	<S>OV	SIM

4. ANÁLISE DOS DADOS

Quadros & Karnopp (2004) em seus estudos considerados referenciais em LIBRAS, colocam que as estruturas sintáticas na LIBRAS são flexíveis para a movimentação dos itens sintáticos. Assim, partindo dessa afirmação e considerados os nossos dados, nos perguntamos até onde é possível, em LIBRAS, alterarmos a ordem (sujeito-verbo-objeto) de uma oração simples, declarativa e com verbos simples. Seria realmente o critério da reversibilidade dos argumentos o fator que licencia a reordenação dos constituintes? Os traços semânticos do verbo poderiam interferir na sequência sintática?

Iniciamos nossa análise observando uma questão bastante relevante para nossas explanações a qual já mencionamos e que precisamos retomá-la para uma melhor compreensão das descrições que iremos realizar: a noção de traços.

Segundo Kenedy (2013, p. 137) os traços são “um conjunto de informações que estão codificadas num item lexical qualquer”. Assim, cada item lexical é composto internamente por um conjunto de traços formais e semânticos a fim de que possibilitem a entrada do item lexical na sentença. É interessante salientar que são muitos os traços existentes em uma língua. Diante do exposto, perguntamo-nos, como se deu a interpretação de alguns traços semântico nas sentenças utilizadas nos testes? Porque sentenças com os verbos abraçar e conversar tiveram resultados diferentes em relação às demais sentenças?

Assim sendo, vamos retomar as construções sintáticas utilizadas nos testes a fim de investigar o porquê das sentenças com os verbos conversar e abraçar terem tido resultados diferentes das demais sentenças haja vista que as construções desses verbos continham argumentos reversíveis. O que difere as sentenças ELE EU AMAR/VOCÊ EU ESQUECER de MARIA JOÃO ABRAÇAR e JOSÉ MARIA CONVERSAR? Porque aquelas foram dúbias pelos informantes e estas não? É interessante destacar que cada verbo pede papéis temáticos diferentes e argumentos de traços formais diferentes.

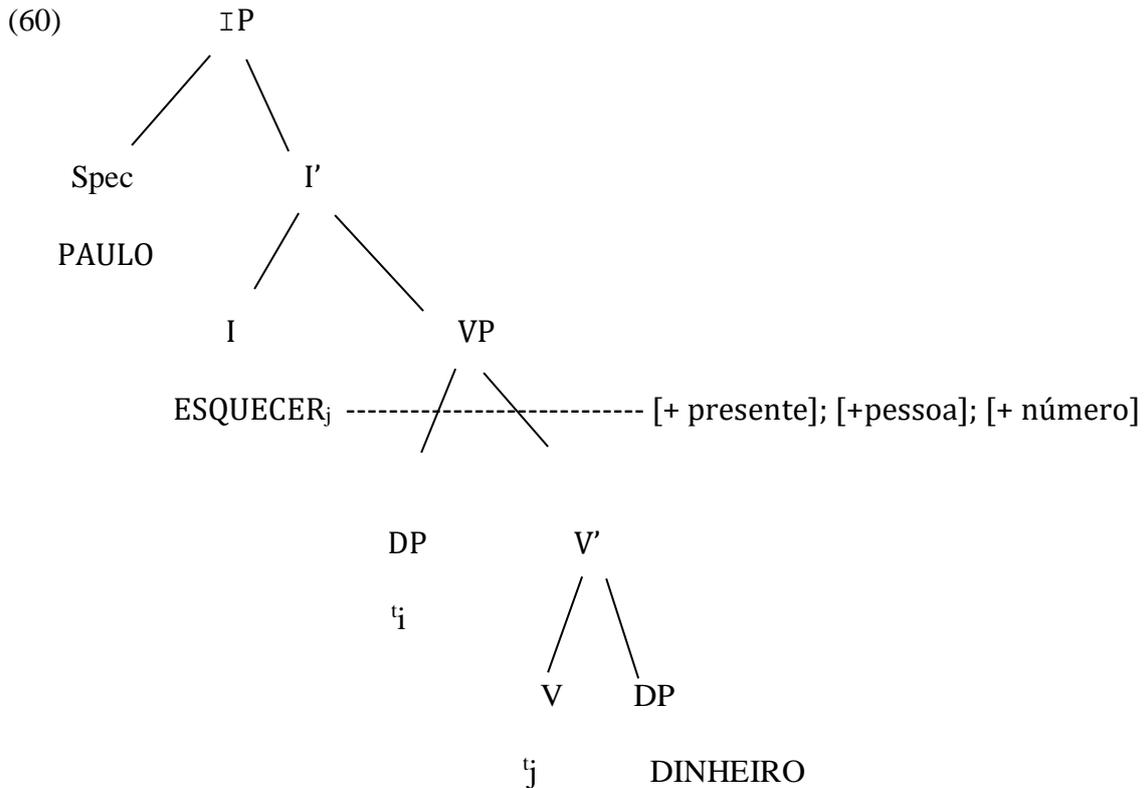
Os traços formais do tipo categorial são imprescindíveis pois eles indicam a categoria lexical e, conseqüentemente, orientam a sua posição na sequência sintática. Na sentença MINHA MÃE AMAR CHOCOLATE, cada traço formal posicionou os itens lexicais em posições compatíveis com seus traços. Assim, MINHA MÃE e

CHOCOLATE que possuem o traço N foram alocados nas posições argumentais do núcleo AMAR que possui traço V. Sendo o verbo o núcleo da sentença, colocado como o predicador da sentença MINHA MÃE < AMAR > CHOCOLATE.

Por sua vez, o traço de seleção obriga que alguns núcleos lexicais exijam a presença de outros itens para compor a sentença. Esse tipo de traço não está disponível para todos os itens lexicais. Na estrutura acima, MINHA MÃE e CHOCOLATE são constituintes de características não nucleares, portanto não necessitam de outros constituintes para compor a sentença. Diferentemente, o item léxico AMAR por ser um predicador, requisita a presença de outros constituintes (no caso dois) para com ele construir a sentença. São os traços categoriais e seletoriais que distinguem e determinam os lugares de cada item lexical na sentença. É bom salientar que a entrada de um constituinte que foi requerido por um item seletorial deve atender a uma restrição semântica, exigência de um traço semântico.

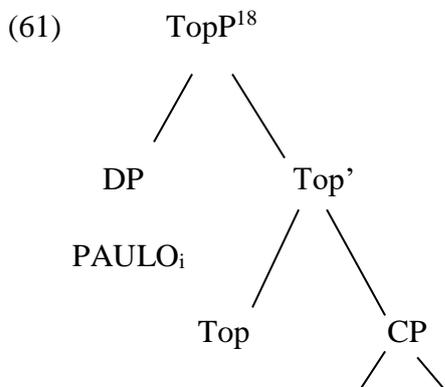
Dessa forma, na sentença PAULO ESQUECER DINHEIRO o predicador *esquecer* que possui traço de seleção bi-argumental. Esses dois argumentos devem ter traços N e não traço A, por exemplo. O verbo também precisa que esses argumentos compartilhem de traços semânticos compatíveis com a grade temática de esquecer a fim de que a sentença seja interpretável nas interfaces. Por isso, não podemos ter DINHEIRO ESQUECER PAULO. A posição pré-verbal de *dinheiro* não é compatível com esse espaço haja vista que esse espaço é típico de categorias com traços [+animado] por exemplo. Tendo o traço violado, a sentença é agramatical.

A interpretação da qual falamos antes, diz respeito aos papéis temáticos recebidos por cada item. Uma vez recebido o papel temático, este o acompanhará para qualquer outra posição na estrutura. O papel temático recebido por *Paulo* é de *experienciador* e o papel temático recebido por *dinheiro* é de *tema*.

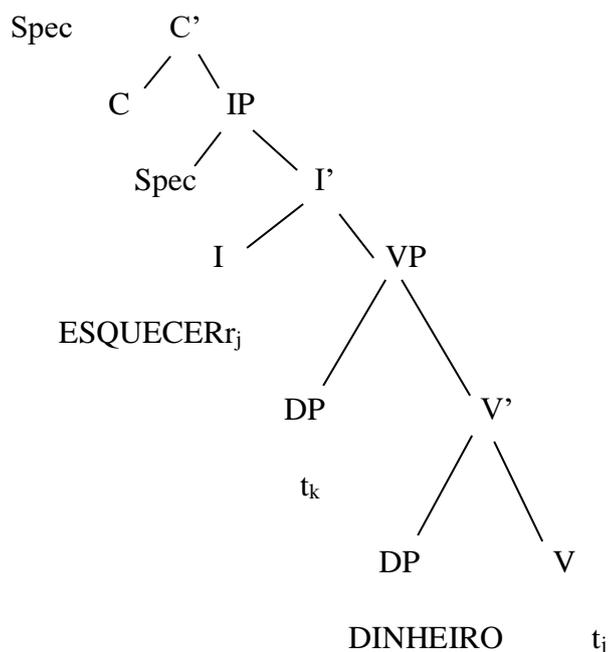


Estando cada item com seu papel temático posto, qualquer item da sentença poderá ser movido para outras posições sem que se perca sua interpretação. É o que aconteceu com a sentença que utilizamos em nosso teste PAULO DINHEIRO ESQUECER (equivalente em português a *Paulo, o dinheiro esquece*).

Nessa sentença, nossa observação se volta para a posição do argumento *Paulo*. *Paulo* foi movido para uma posição mais alta, a posição de tópico. Esse movimento é relevante pois *Paulo* sai de uma posição A para uma posição A' (A-Barra).



¹⁸ Assumimos com Rizzi a posição de TopP à periferia esquerda, em RIZZI, Luigi. The Fine Structure of Left Periphery. In: HAEGMAN, Liliane. Elements of Grammar: handbook in Generative Grammar. Springer Science & Business Media, 1997. ISBN 0792342976



Conforme afirma Kennedy (2013, p. 236) “o movimento A’ é característico das sentenças interrogativas, orações relativas, topicalizações e demais deslocamentos à periferia esquerda das frases”. Dessa forma, os constituintes que iniciam a frase são constituintes que foram movidos de sua posição original para a posição de tópico.

Kenedy também reforça dizendo que

os constituintes que se movem para posições A’ geralmente já são argumentos de algum núcleo sintático presente na frase e movem-se para uma posição não argumental de modo a desempenhar outra função linguística, tais como interrogação, relativização, topicalização, etc. (2013, P. 236)

É devido ao papel temático – “pois temos a habilidade de interpretar que “Paulo” é a entidade que experiência o esquecimento e que “dinheiro” é o tema esquecido” (adaptado de KENEDY, 2013, P. 160) - que os falantes nativos, partícipes dessa pesquisa, foram unânimes em afirmar a gramaticalidade dessa frase haja vista que o conhecimento inato da língua que eles têm permitiram aplicar o julgamento semântico das sentenças (CARNIE, 2012). Não nos esquecemos da participação das expressões faciais, que em língua de sinais, são de suma importância para construções topicalizadas. Essa descrição também se aplica a outras sentenças usadas no teste.

Analisando a sentença MARIA FILME LEMBRAR (que em português equivale a Maria, o filme lembrou.) o verbo lembrar requer a presença de dois argumentos, no caso, *Maria* e *filme*. O verbo atribui papel temático de experienciador a Maria e de tema ao filme. Essa marcação temática permite ao falante identificar aquele que lembra e o que foi lembrado. Ou seja, a distribuição semântica emanada do verbo e alocada em seus argumentos elimina no falante a possibilidade de uma interpretação como **O filme lembrou Maria* sendo o sintagma *O filme* como uma entidade não dotada da capacidade de lembrar.

Isso quer dizer que não há a possibilidade de se atribuir papel temático de experienciador ao sintagma *O filme*. É esse comportamento semântico que permite mais uma ordenação: FILME MARIA LEMBRAR, isso por que o sintagma *O filme* possui traços [-humano; + inanimado] e *Maria* [+humano; -inanimado].

De forma análoga, a sentença HISTÓRIA PAULA LEMBRAR também é possível uma vez que os critérios semânticos estabelecidos pelo verbo são compartilhados com os itens com os quais o verbo exige. Não deixemos de assinalar a presença da expressão facial no item que inicia a frase.

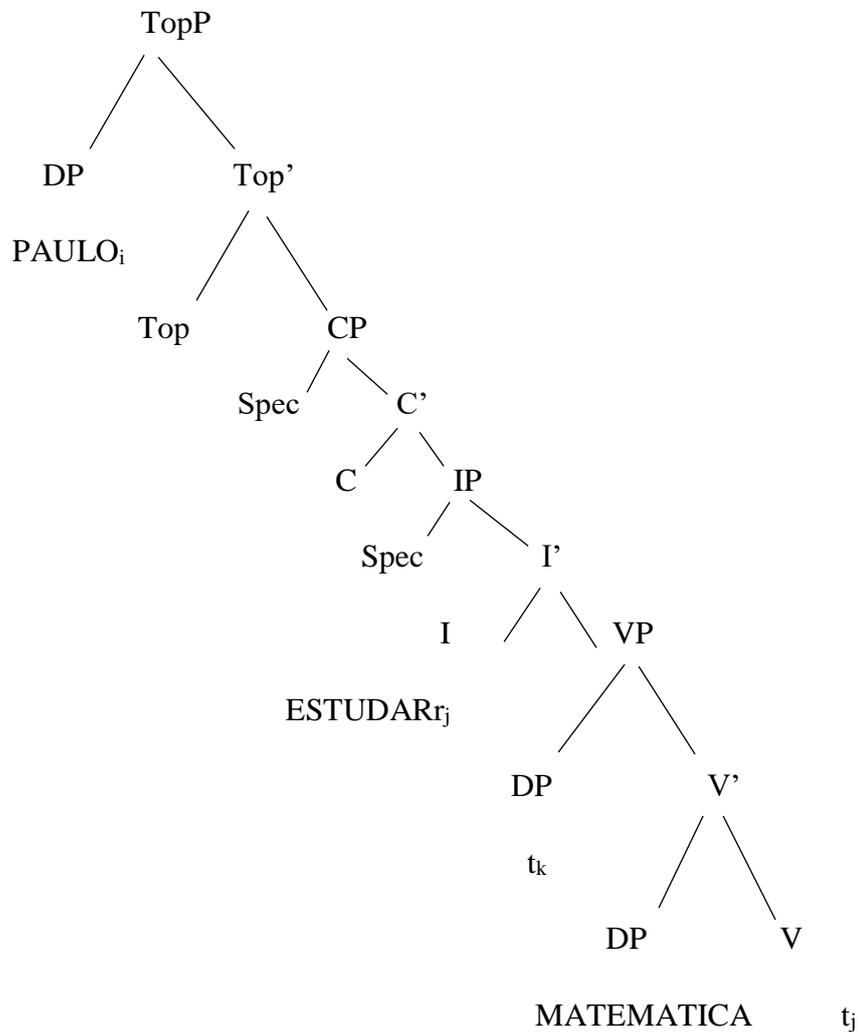
Associado ao verbo lembrar, o verbo esquecer também coaduna com essa regularidade. Na sentença PAULO BOLSA ESQUECER, o verbo partilha sua significação para os argumentos *Paulo* e *bolsa* de forma a delimitar a compreensão da sentença sendo permissível estabelecer quem esquece e o que é esquecido.

A gramaticalidade da sentença CHUPETA CRIANÇA ESQUECER também se justifica pelos traços semânticos de seus argumentos. Não é permitido ao falante compreender que foi a chupeta que esqueceu a criança (*A chupeta esquece a criança, ainda que a forma esteja correta). A palavra chupeta por possuir traços [- inanimado; - humano] permite ao falante interpretar a sentença como sendo o item criança o que desencadeia a ação independentemente da posição que o constituinte chupeta ocupe na sentença.

Observando as frases PAULO MATEMATICA ESTUDAR e ASTRONOMIA MEU PRIMO ESTUDAR, evidenciam-se o mesmo padrão: os elementos constituintes da cena regida pelo verbo compartilham traços semânticos os quais permitem ao falante identificar o sujeito da ação e aquilo que sofre a ação. Mais uma vez, os papéis temáticos preservam os participantes da cena, não permitindo outras interpretações.

Temos: PAULO/MEU PRIMO [+ humano; + inanimado] e ASTRONOMIA/MATEMATICA [- humano; + inanimado]. Por extensão, podemos afirmar que a sentença EU ESTUDAR PASSAROS, também é válida já que as permutas dos argumentos verbais conservaram os traços semânticos.

(62)



Essas sentenças também foram possíveis por causa do carácter de não-reversibilidade dos argumentos verbais. Quando temos argumentos reversíveis, a frase é ambígua. Essa característica de reversibilidade e não-reversibilidade é conferida nas sentenças abaixo. Retomamos a frase (51) MARIA JOÃO AMAR, aqui renumerada por (63).

M-A-R-I-A J-O-Ã-O AMAR

(*Maria, o João, ama*)

M-A-R-I-A 

J-O-Ã-O



Como *Maria* e *João* são considerados argumentos *reversíveis* os quais compartilham os mesmos traços semânticos, o verbo *amar* atribui papel temático a eles uma vez que ambos os argumentos concorrem para a o preenchimento dos espaços requeridos pelo verbo (QUADROS, 1999; SANDLER & LILLO-MARTIN, 2006). É o que se verifica nas demais sentenças: ELE EU AMAR, VOCE EU ESQUECER e MARIA PEDRO GOSTAR. Não sabemos quem ama quem, quem esqueceu quem e quem gosta de quem. Por não ter essas informações, a sentença torna-se ambígua (QUADROS, 1999).

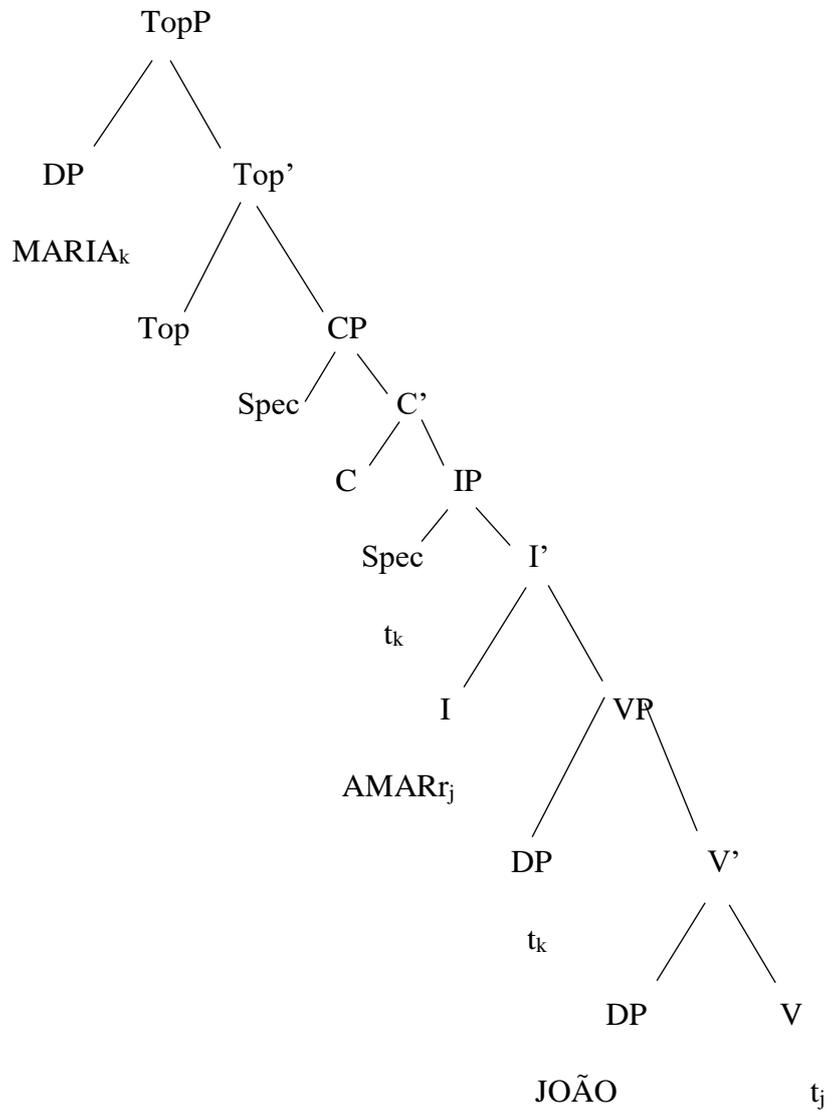
Quadros (1999), citando Fischer (1973), Petronio (1993) e Liddell (1980), argumentam que essas sentenças terão sua ambiguidade desfeitas se, no elemento que inicia a sentença tiver um marcador não-manual produzido concomitantemente a ele, realizando assim a topicalização. Ou seja, a sentença ELE EU AMAR (*Ele, eu, ama (?)* ou *Eu, ele ama*), o *ele* (caso seja esse o constituinte que se queira evidenciar) deverá ser produzido com uma expressão facial arqueada, isto é, com os olhos bem abertos e as sobrancelhas levantadas. Dessa forma, o processo da topicalização viria para formar uma sentença sem ambiguidade.

O mesmo ocorre com VOCE EU ESQUECER (Você, de mim esqueceu) e MARIA PEDRO GOSTAR (Da Maria, o Pedro gosta). Ambos, VOCÊ e MARIA deverão vir topicalizados e acompanhados por um marcador não-manual.

Diante do exposto, nossos dados revelaram algo instigante: ainda que cumpridos todos os critérios para a topicalização, nossos informantes consideraram essas sentenças ambíguas (VOCE EU ESQUECER / MARIA PEDRO GOSTAR). Os constituintes sintáticos proeminentes, ainda que topicalizados e marcados facialmente, não permitiram aos nossos informantes acessar os argumentos. Parece-nos que a topicalização ao invés de extrair a ambiguidade, favorece-a. O movimento para DP de TopP dos argumentos a serem

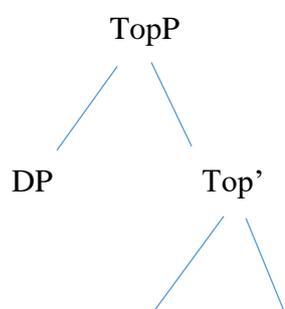
topicalizados permite a manutenção da ambiguidade. Assim, temos duas estruturas: uma para o caso da topicalização de Maria e outra para a topicalização de João.

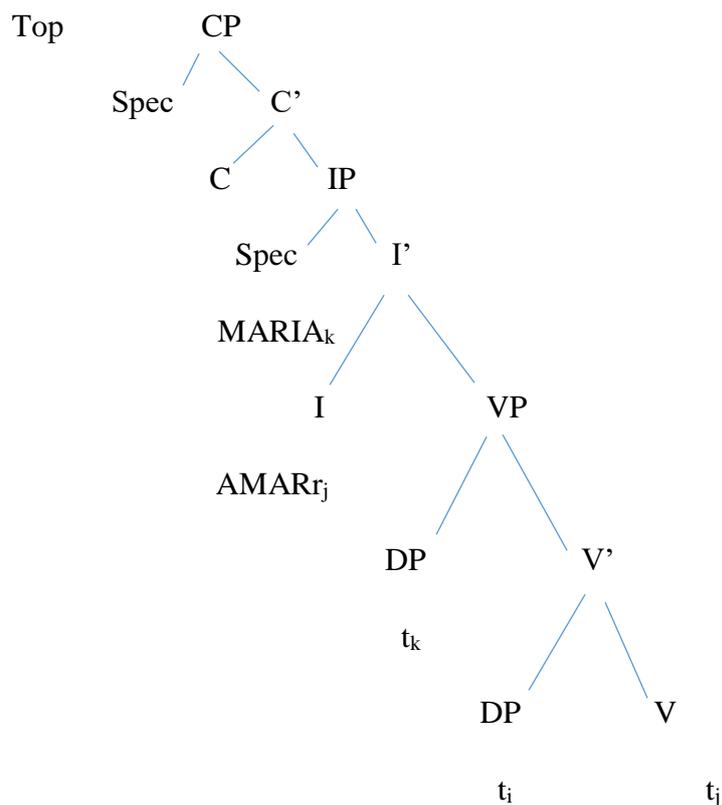
(64)



e

(65)



JOÃO_i

E mais: porque estruturas como MARIA JOÃO ABRAÇAR e JOSÉ MARIA CONVERSAR foram consideradas gramaticais? Essas duas frases foram consideradas boas nos testes. Nessas sequências, ambos os argumentos compartilham dos mesmos traços e exigências semânticas impostas pelo verbo. Não há ambiguidade. Parece-nos que o critério da reversibilidade não se aplica a todos os verbos como pensam os pesquisadores citados anteriormente. Assim, nossa atenção se volta para a assimetria entre verbos do tipo amar/gostar e verbos do tipo abraçar/conversar. O que permite a gramaticalidade em MARIA JOÃO ABRAÇAR e JOSÉ MARIA CONVERSAR?

Sentenças SOV com verbos de significação semelhante a amar e gostar tem suas estruturas derivadas de SVO. Assim a frase MARIA JOÃO AMAR é derivada de MARIA AMAR JOÃO, Como MARIA foi movida para a posição de tópico e como essa posição é não-argumental (KENEDY, 2013, P. 136), e por extensão não temática, a interpretação da sentença foi possível, porem com duas possibilidades. O mesmo ocorre com MARIA PEDRO GOSTAR. A primeira coisa a saber é quem ama quem, no entanto, por falta de uma marcação de caso e de uma marcação temática, devido ao

caráter reversível dos argumentos, essa informação não poderá ser acessada pelo falante. Assim, assumimos que sentenças com verbos com traços semânticos de amar e gostar, ainda que topicalizados e marcados facialmente, sempre serão ambíguas.

Voltemos a nossa primeira indagação: porque estruturas como MARIA JOÃO ABRAÇAR e JOSÉ MARIA CONVERSAR foram consideradas gramaticais? A primeira questão que nos vem à mente é a diferença de significação desses dois verbos com os verbos amar/gostar.

De acordo com Cançado (2012, p. 2)

a informação semântica presente nos itens lexicais não se resume a uma coleção de sentidos idiossincráticos. Existem também outros tipos de sentido, os sentidos que são relevantes gramaticalmente, determinando as realizações sintáticas dos itens. (...) parece haver propriedades semânticas presentes nos itens lexicais, ou decorrentes da sua composição com outros itens, que determinam ou licenciam certas construções sintáticas com esses itens ou que, ao contrário, barram determinados arranjos sintáticos com os mesmos.

Seria o traço semântico do verbo um fator preponderante para a ordem em LIBRAS? A influência do traço semântico foi observado por Bettencourt (2015) ao analisar a ordem básica da Língua Gestual Portuguesa (LGP). Em suas análises a autora observou que em determinadas sequências, a significação do predador poderia alterar ou não a ordem da frase. De acordo com Bettencourt, citando Amaral et al (1994), “as restrições semânticas do verbo quanto ao sujeito (animado/não animado) condicionam a ordem de palavras em LGP, não havendo uma só ordem básica” (2015, p. 85).

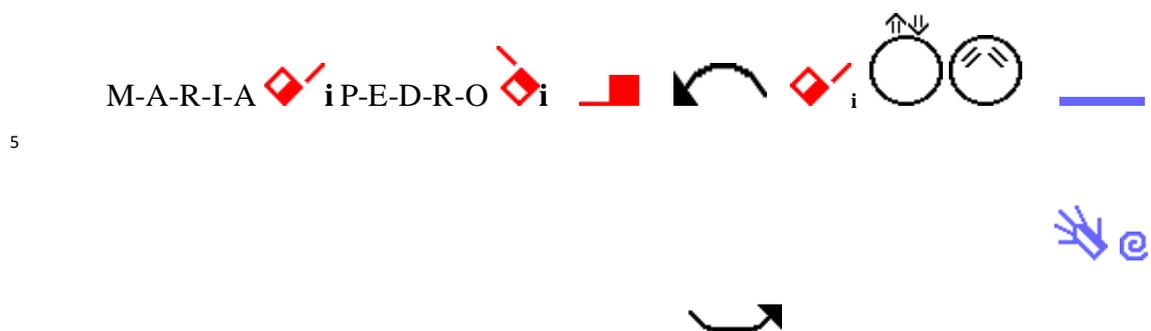
Analisando a sentença, percebemos que, ainda que essa frase tenha sido derivada de JOÃO ABRAÇAR MARIA, com MARIA sendo deslocada para a posição de tópico, ao falante nativo não fica claro que João abraçou Maria. Como posto anteriormente, a posição de tópico é não-argumental, o que faz com que o falante recupere duas possibilidades: que Maria é o argumento interno de abraçar ou Maria como argumento externo desse verbo devido ao caráter ambíguo da sentença. Segundo, que interpretação foi dada aos argumentos uma vez que todos os informantes foram

convictos em sua aceitabilidade. Ora, se não é possível saber quem abraçou quem, que interpretação foi dada a ela.

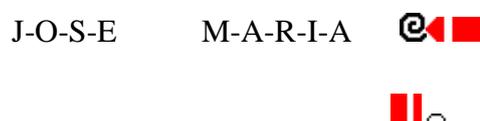
Como colocado anteriormente e de acordo com nossas análises, sentenças reordenadas – SOV/OSV - com argumentos reversíveis e topicalizados são possíveis em LIBRAS, o que nos leva a um primeiro questionamento: estaria a frase *João Maria abraçar/José Maria conversar* na ordem SOV? Reside no traço semântico do verbo *abraçar/conversar* a possibilidade de gramaticalidade da sentença?

Em MARIA JOÃO ABRAÇAR, o verbo exprime reciprocidade, significação esta que não está presente nos verbos com os quais se faziam necessária a presença de argumentos reversíveis. Essa reciprocidade é inerente ao verbo abraçar em LIBRAS. Tal significação repousa no próprio léxico verbal. O mesmo ocorre com o verbo conversar. Ao sinalizar *José Maria conversar* o surdo compreende que José conversa com Maria e Maria conversa com José. Diferentemente de MARIA PEDRO GOSTAR e ELE EU AMAR os quais não são portadores de reciprocidade. Para que essas duas frases sejam compreendidas no âmbito recíproco, haveria a necessidade de introduzir um auxiliar em posição pré-verbal desde que os argumentos verbais sejam marcados no espaço. O requerimento desse auxiliar além de garantir a reciprocidade, visa também dar concordância a frase (QUADROS, 1999; SANDLE & LILLO-MARTIN, 2006) bem como manter a coesão sintática (PINTO, 2009).

(66)



(67)



Em (66) temos a soletração rítmica para Maria a qual é alocada a direita do sinalizante. Em seguida, é feita a soletração rítmica para Pedro o qual é marcado a esquerda do sinalizante. Logo após, é feita uma sinalização com a configuração de mão em um (1) no eixo horizontal – com o dedo indicador – o qual faz um movimento de apontação iniciando no local estabelecido para Maria e finalizando no local estabelecido para Pedro. Ao chegar em Pedro a mão retorna para Maria. Com um movimento discreto de cabeça para cima e para baixo com as sobrancelhas levantadas e produzindo o sinal de *gostar* – tudo simultaneamente – a frase é finalizada. Notemos que o resultado da marcação espacial dos referentes mais o movimento de apontação culminam na reciprocidade. Nesse caso, podemos dizer que a reciprocidade foi composicional, ou seja, pelo conjunto dos itens envolvidos e não no próprio verbo *gostar* (GODOY, 2008).

Em (67), é feita a soletração rítmica para *Jose* e *Maria* e em seguida a sinalização do sinal para *conversar*. Nessa sentença, é no verbo que reside a reciprocidade, ou seja, José conversa com Maria e Maria conversa com José. Esse entendimento não ocorre com verbo *gostar* pois a reciprocidade aparece fora do verbo. Sendo assim, *gostar* não é um verbo recíproco em LIBRAS, já *conversar* o é. Mas como é possível ter o entendimento de que Jose conversa com Maria e Maria conversa com José? Ao argumentarmos que <S>OV/<O>SV derivam de SVO, então que estrutura temos em MARIA JOSE CONVERSAR?

Como posto anteriormente, vimos que a ordem comum nas línguas de sinais é a SVO ou SV como atestaram alguns autores: Quadros (1999) em LIBRAS, Massone & Curriel (2004) em Língua de Sinais Argentina, Fisher (2014) em ASL, Fuji (2007) em Língua de Sinais Japonesa. Dessa forma, podemos conceber que a sentença MARIA JOSE CONVERSAR se encontra na ordem SV em virtude do caráter recíproco do verbo e da validade das sentenças por parte dos nossos informantes. MARIA JOSE CONVERSAR equivale em português a *Maria e José conversam*. Tal compreensão também se aplica à sentença JOAO MARIA ABRAÇAR. [MARIA] e [JOSE] constituem um DP de VP. **A presença de dois constituintes de traços [+animado, +humano] a esquerda de um verbo recíproco é interpretado como um argumento externo do verbo. Assim, concluímos que MARIA JOSE CONVERSAR é recíproco e MARIA CONVERSA JOSE é não-recíproco.**

Esse fato nos remete a um trabalho desenvolvido por Duarte (2003) na qual a pesquisadora trabalha com a definição de verbos simétricos. Segundo Duarte (2003, p. 309) verbos simétricos são

verbos com simetria do argumento externo e do argumento interno – este tipo de verbos apresenta dois ou três argumentos, e admite duas variantes em que o argumento externo e o argumento interno oblíquo são comutáveis e uma terceira variante em que os argumentos simétricos formam um único constituinte nominal coordenado(...).

Assim, por comutação teríamos:

(68) [MARIA] CONVERSA [JOAO] (*Maria conversa com João*)

(69) [JOAO] CONVERSA [MARIA] (*João conversa com Maria*)

E por coordenação teríamos:

(70) [MARIA JOAO] CONVERSA (*Maria e João conversam*)

Assim, o esquema relacional para esses tipos de verbos seria (DUARTE, 2003):

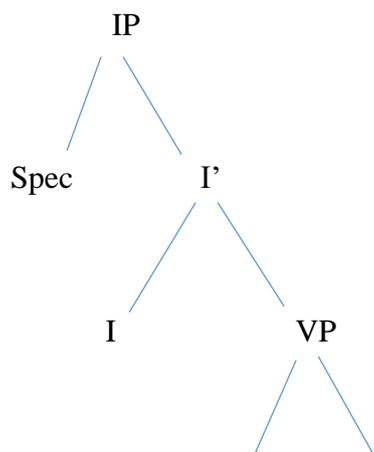
(71) X_{suj} V Y_{obj} (por comutação)

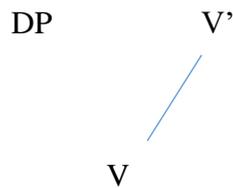
(72) Y_{suj} V X_{obj} (por comutação)

(73) X e Y V (por coordenação)

Com isso, deduzimos que a estrutura argumental de verbos simples com traços recíprocos e com dois constituintes de traços idênticos é até o IP. Então temos:

(74)





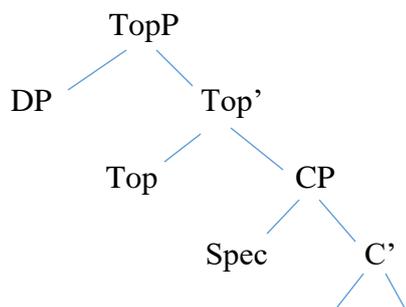
4.1 Conclusões

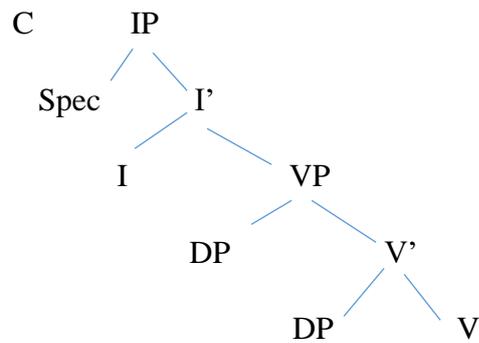
As línguas de sinais são línguas passivas de análises linguísticas e estão incluídas no rol das línguas naturais. Em virtude de ser uma língua na qual as pesquisas para a descrição de seu funcionamento ainda são incipientes, nos deparamos com uma língua na qual pouco se sabe e que explorar essa língua tridimensional nos revela o quão fascinante é essa língua bem como nos mostrar que há algo em comum entre ela e as línguas orais.

Que a observação e a descrição do funcionamento sintático nos permite compreender a atividade linguística de uma língua considerada há pouco tempo como mera mímica. Os estudos aqui realizados nos propiciam a argumentar a favor das seguintes resultados:

i- sentenças com verbos simples, em orações simples e declarativas com argumentos não-reversíveis são possíveis na ordem SVO e suas derivações, tendo a sua projeção limitada em TopP;

(75)

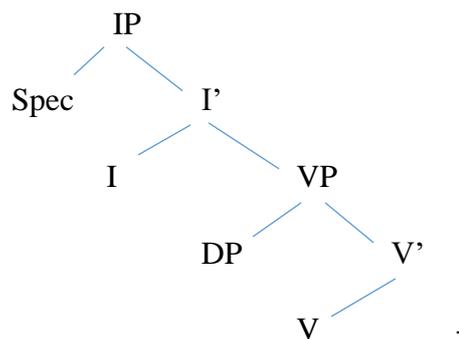




ii- sentenças com verbos simples, em orações simples e declarativas com argumentos reversíveis são possíveis apenas na ordem SVO, sendo as suas derivações topicalizadas, são consideradas ambíguas .

iii- sentenças com verbos simples e de traço semântico recíproco, em orações simples e declarativas com argumentos reversíveis em posição pré-verbal são interpretadas apenas na posição SV, sendo o sujeito do verbo um DP coordenado, com estrutura máxima em IP; e

(76)



iv- o traço semântico e a simetria verbal influenciam na interpretação sintática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sintaxe Gerativa tem por função descrever e explicar a competência linguística do falante a partir de mecanismos subjacentes à ela. Analisar as sentenças e descrever seu funcionamento, inclusive das sentenças que ainda não foram realizadas, é uma forma de compreender o funcionamento linguístico de uma determinada língua.

Regidas por regras de caráter fonológico, sintático e semântico, tem-se em seu caráter sintático o poder de gerativo da língua. E é a partir do conhecimento sintático do falantes (através de sua intuição/competência) que podem aceitar ou não a gramaticalidade de uma sentença.

É com esses pressupostos teóricos que mergulhamos na sintaxe espacial da LIBRAS com o intuito de saber como os elementos que giram em torno do núcleo podem se mover para outras posições na linearidade espacial.

Assumimos com os pesquisadores a afirmativa de a ordem básica das línguas de sinais, inclusive da LIBRAS, é SVO (NAPOLI & SUTTON-SPENCER, 2014; MASSONE & CURRIEL, 2004; FISCHER, 2014; DE LANGHE ET AL (2003); FUJI (2007) e QUADROS & QUER (2006), no entanto suas ordens derivadas daquela dependem de fatores que licenciam seus deslocamentos e são sempre TopP.

Segundo autores como Quadros (1999) e Sandler & Lillo-Martin (2006), dentre outros, a mobilidade dos argumentos do verbo só será possível se eles forem não-reversíveis, do contrário a sentença, para esses pesquisadores, será ambígua. E mais: eles argumentam que a topicalização – a qual é associada a uma expressão facial – viria para reverter o caráter ambíguo.

Entretanto, de acordo com nossos dados e nossas análises, o caráter da reversibilidade dos argumentos e a topicalização não foram suficientes para explicar a aceitação das sentenças com verbos afetivos/psicológicos, contrariando as expectativas. Verificamos que são os traços semânticos e a simetria dos verbos que licenciam a ordem dos argumentos para outras posições da sentença o que nos revela um “achado”.

Considerar características como expressão facial, localidade espacial e o caráter viso-espacial de uma língua de sinais traz desafios para os linguistas gerativistas não só pela carência de pesquisas acerca dessas línguas mas pela necessidade de se compreender a ordem dos termos e sua organização.

A descrição da tipologia dos verbos simples requer mais investigações principalmente com sentenças mais complexas (subordinadas, relativas), o que não foi o nosso pois utilizamos sentenças básicas por se tratar de um trabalho inicial sobre os verbos simples, especificamente.

Pretendemos com este trabalho contribuir com os estudos gerativos e com a descrição das línguas de sinais que por serem pouco investigadas tornam-se um objeto de estudo a ser desbravado. Aqui deixamos o começo de um trabalho que outros poderão tomar como ponto de partida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLINCK, Rosane Andrade. Et al. Sintaxe. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Cristina(ORG). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 9ª Ed. Rev – São Paulo: Cortz, 2012

BETTENCOURT, Maria Fernanda da Silva. *A ordem de palavras na Língua Gestual Portuguesa: breve estudo comparativo com o Português e outras línguas gestuais*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, 2015

BIRCHENALL, Leonardo Barón; MLLER, Oliver. *La Teoría Lingüística de Noam Chomsky: del Inicio a la Actualidad*. Lenguaje, 2014, 42 (2), 417-442

BRITO, Lucinda Ferreira Brito. *Por uma gramática de línguas de sinais*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 2010

CANÇADO, Marcia. *Verbos Psicológicos: uma classe relevante gramaticalmente?*. Veredas on-line – Atemática – 2/2012, p. 1-18 v. 16. nª 2 PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora - ISSN: 1982 - 2243 2012

_____. *Argumentos: complementos e adjuntos*. Alfa, São Paulo, 53 (1): 35-59, 2009

CAUDRELIERT, GAIL. *The Syntax of British Sign Language: an Overview*. A thesis submitted in partial fulfilment for the requirements for the degree of Master's by Research at the University of Central Lancashire, October 2014

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas*. Tradução de Lucia Lobato. Revisão de Mark Ridd. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998. 83 p.

_____. *Syntactic Structure*. The Hague: Mouton, 1957

DE LANGHE, Olivier et al. *A propos des structures OSV en Langue des Signes Française*, in: Journées d'études internationales – La linguistique de la LSF: recherches actuelles, A.-M. Berthonneau, G. Dal (editors), À Paraître, SILEX-C.N.R.S., 4, 115-130, 2003.

DUARTE, Ines. *Relações Gramaticais, Esquemas Relacionais e Ordem das Palavras*. In: MATEUS, M.H. M. et al. Gramática da Língua Portuguesa. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003 (1127 p.)

FERREIRA, Geysa Araújo; NAVES, Rozana Reigota. *Um estudo sobre os verbos manuais da Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. VEREDAS on-line – Sintaxe das Línguas Brasileiras 2014/1 – ISSN: 1982-2243 Programa de Pós-Graduação em Linguística, v.18/1.2014. Universidade Federal de Juiz de Fora.

FISCHER, Susan D. *Constituent Order in Sign Languages*. Gengo Kenkyu. 146: 1–12, 2014

FUJI, Chisato. *Two Types of Causatives in Japanese and Japanese Sign language: a study in syntax and acquisition*. Nanzan Linguistics: Special Issue 1, 2007, Vol.1, 33-65

GODOY, Luisa Andrade Gomes. *Os verbos recíprocos no PB: Interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2008

HONG, Sung-Eun. 2006. *Agreement verbs in Korean Sign Language (KSL)* In : Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brazil, December 2006. (2008.) Quardos, Ronice Müller de. ed. [Editora Arara Azul](#). Petrópolis/RJ. Brazil. 168-188.

KEGL, Judy. *Predicate Argument Structure and verb-Class Organization in ASL Lexicon*. In: LUCAS, Ceil. Sign Language Research: Theoretical Issues. ISBN 0-930323-58-0, 1990

KENEDY, Eduardo. *Curso Básico de Linguística Gerativa*. São Paulo; Contexto, 2013

KATO, Mary A. *A Evolução da Noção de Parâmetros*. DELTA. v. 18. Nº 2. São Paulo, 2002

LILLO-MARTIN, Diane. *Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in american sign language*. Ph.D. Dissertation, University of California, San Diego, 1986

MASSONE, Maria Ignacia; CURRIEL, Monica. *Sign Order in Argentine Sign Language*. Sign Language Studies. Vol. 5, n. 1, Fall 2014

MEIER, Irit et al. *Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future*. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianópolis, Brazil, December 2006. (2008) R. M. de Quadros.com.br/EstudosSurdos.php.http://WWW. editora-arara-azul(Ed) editora Arara Azul Petropolis/RJ.Brazil.

MIOTO, Carlos ET AL. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2007

NEGRÃO. Esmeralda. ET AL. *A Competência Linguística*. In: FIORIN, José Luiz(ORG). *Introdução á Linguística. I Objetos Teóricos*. São Paulo: Contexto, 2004

NAPOLI, Donna Jo; SUTTON-SPENCER, Rachel. *Order of the major constituents in sign languages: Implications for all language*. [Frontiers in Psychology](#) 5:376 · May 2014

NEIDLE, Carol et al. *The Syntax of ASL: functional categories and hierarchical structure*. ISBN 0-262-14067-5, 2000

PETRONIO, K. *Clause Structure in ASL*. PhD. Dissertation University of Washington, 1993

PINTO, Charridy Max Fonte. *A Referenciação na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Alagoas. 2009

PERLIN, Gladis. STROBEL. Karin. *Teoria da Educação de Surdos*. Texto-Base. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras Libras na modalidade à distancia. Disponível em [http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificadaEducaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria da Educacao e Estudos Surdos p_ronta.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificadaEducaoEEstudiosSurdos/assets/257/TEXTObaseTeoria_da_Educacao_e_Estudios_Surdos_p_ronta.pdf), acesso 09/09/16 as 10h

PRIA, Albano Dalla. *Tipologia Lingüística: línguas analíticas e línguas sintéticas*. Soletas, Ano VI, N° 11. São Gonçalo: UERJ, jan./jun.2006

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

QUADROS, Ronice Muller de; QUER, Josep. *Back to back(wards) and moving on agreement, auxiliaries and verb classes in sign languages. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future*. TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference, Florianopolis, Brazil, December 2006. (2008) R. M. de Quadros (ed.). Editora Arara Azul. Petrópolis/RJ. Brazil. <http://www.editora-arara-azul.com.br/EstudiosSurdos.php>.

QUADROS, Ronice Müller de. *As Categorias Vazias Pronominais: uma análise alternativa com base na Língua Brasileira de Sinais e reflexos no processo de aquisição*. Dissertação de Mestrado. PUCRS. Porto Alegre, 1995

_____. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997

_____. *Phrase Structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999

RIZZI, Luigi. *The Fine Structure of Left Periphery*. In: HAEGMAN, Liliane. *Elements of Grammar: handbook in Generative Grammar*. Springer Science & Business Media, 1997. ISBN 0792342976

SANDLER, Wendy; LILLO-MARTIN, Diane. *Sign Language and Linguistics Universals*. ISBN 0521482488, 2006

SOUZA, Guilherme Lourenço de; DUARTE, Fabio Bonfim. *Caso e Concordância em Língua de Sinais Brasileira: investigando verbos de concordância regular e verbos de concordância reversa*. Veredas: sintaxe das línguas brasileiras. Vol 18/1, 2014

SNYDER, William; LILLO-MARTIN, Diane. *Principles and Parameters Theory and Language Acquisition*. Text of an entry to appear in *The Cambridge encyclopedia of Language Sciences*, edited by Patrick Hogan. Cambridge University Press. University of Connecticut.

SUTTON-SPENCER, Rachel; WOLL, Bencie. *The Linguistics of British Sign Language: a introduction*. Cambridge University Press, 1998

STALMSZCZYK, Piotr. *On Defining Predication in Generative Grammar*. *Papers and Studies In Contrastive Linguistics*, 34, 1998 pp101-121

STROBEL, Karin. *História da Educação de Surdos*. Texto-Base. Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância. Disponível em http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/historiaDaEducaoDeSurdos/assets/258/TextoBase_HistoriaEducaoSurdos.pdf, acesso em 09/09/16 as 9h

TAI, James H.-Y. *The Nature of Chinese Grammar: Perspectives from Sign Language*. *Proceedings of the 20th North American Conference on Chinese Linguistics (NACCL-20)*. 2008. Volume 1. Edited by Marjorie K.M. Chan and Hana Kang. Columbus, Ohio: The Ohio State University. Pages 21-40

VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil. *Linguistic of American Sign Language: an introduction*. 3^o ed. ISBN 1-56368-097-1, 2001

VELOSO, Brenda. *Construções classificadoras e verbos de deslocamento, existência e localização na Língua de Sinais Brasileira*. In: LIMA-SALLES, Heloisa M. M. & NAVES, Rozana R. (Orgs.). Estudos gerativos de língua de sinais brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos. Goiânia: cânone Editorial, 2010.

YULE, George. *The study of language: an introduction*. [S.l.]. Cambridge University Press, 1985.